

**UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO**

**INAIÁ BRANDÃO MELLO**

**PODCAST E CRIANÇA: A RECEPÇÃO DO FORMATO  
E A PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO PARA OS  
DIREITOS HUMANOS**

BAURU  
2017

**INAIÁ BRANDÃO MELLO**

**PODCAST E CRIANÇA: A RECEPÇÃO DO FORMATO  
E A PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO PARA OS  
DIREITOS HUMANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Daniela Pereira Bochembuzo.

BAURU  
2017

Mello, Inaiá Brandão

M5271p

Podcast e criança: a recepção do formato e a promoção da educação para os direitos humanos / Inaiá Brandão Mello. -- 2017.

126f. : il.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Daniela Pereira Bochembuzo.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade do Sagrado Coração - Bauru - SP

1 Criança. 2. Educação. 3. Jornalismo. 4. Podcast. 5. Rádio. I. Bochembuzo, Daniela Pereira. II. Título.

**INAIÁ BRANDÃO MELLO**

**PODCAST E CRIANÇA: A RECEPÇÃO DO FORMATO E A  
PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO PARA OS DIREITOS HUMANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Daniela Pereira Bochembuzo.

Bauru, 14 de novembro de 2017.

Banca examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Daniela Pereira Bochembuzo  
Universidade Sagrado Coração

---

Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Mayra Fernanda Ferreira  
Universidade Sagrado Coração

---

M.e Fábio Camargo Fleury de Oliveira  
Rádio UNESP

Dedico este trabalho especialmente às crianças, que foram inspiração para realização desta pesquisa. Aos meus pais, Celso e Izabel, que foram e continuarão ser a base de tudo, e aos outros comunicadores. Que este projeto possa servir de inspiração para levar conhecimento e educação à sociedade.

## AGRADECIMENTOS

É difícil começar um agradecimento. Sabia que no momento em que eu estivesse escrevendo essa parte do meu trabalho, estaria na reta final e reta final significa enfrentar a temida vida adulta.

Desde pequena tinha a certeza de que quando crescesse queria ser jornalista. Bastava uma câmera nas mãos que eu me transformava em repórter, apresentadora de jornal, entrevistada. Tudo era muito claro na minha mente: eu iria fazer jornalismo. Hoje, no fim desta jornada acadêmica, me deparo com o medo e a realização. Medo por não saber o que virá, como que será o mercado de trabalho e, o maior medo de todos, será que eu sou uma boa jornalista? Sei que são as experiências e o tempo que vão moldando-nos como profissionais. A essência permanece e a minha, eu sei, sempre foi de jornalista. Por isso, é uma realização poder transformar o meu sonho de criança em algo real.

Primeiramente quero agradecer a Deus. Sem Ele essa jornada teria sido muito mais difícil. Em segundo lugar e, não menos importante, aos meus pais, que sempre foram e sempre continuarão a ser a base de tudo. Só estou onde estou hoje devido a eles. Foram eles que proporcionaram os meus estudos durante toda a vida e me incentivaram que, com esforço, os nossos sonhos e desejos podem ser realizados. Por isso, Pai e Mãe, obrigada por cada centavo gasto, por todo o esforço para construir um bom futuro para mim e para minha irmã, por acreditarem em mim e por comemorarem cada conquista junto comigo. Hoje eu sou um ser humano melhor graças a vocês!

Não posso deixar de agradecer a minha irmã, que também sempre acreditou em mim e a minha família, namorado e amigas, que torcem pelo meu sucesso e crescimento. Amigas, ter a companhia de vocês durante todo esse processo deixou tudo mais leve, enfrentar o TCC com vocês foi um prazer! E sei que a nossa amizade vai além da universidade.

Agradeço aos professores, uma das profissões mais bonitas e humanas que existem. Grande parte do que eu sei veio deles, que sempre com muita paciência e dedicação souberam compartilhar tudo aquilo que conhecem e sabem. Mayra Ferreira, você tem um lugarzinho especial na minha jornada acadêmica!

Aos técnicos da rádio, em especial ao Leandro Zacarim, que em todo momento estava pronto para me ajudar e graças a ele os programas foram editados da melhor forma possível.

À minha turma, foram quase quatro anos compartilhando momentos que ficarão guardados na memória.

Aos meus entrevistados e ao Colégio São Francisco de Assis, que acreditaram no potencial do meu trabalho e contribuíram para deixá-lo da melhor forma possível.

E, claro, agradeço à minha orientadora, que desde quando a conheci sempre foi uma das minhas opções para orientação e, hoje, posso dizer que ela fez esse trabalho muito bem feito. Dani, obrigada por toda a paciência e dedicação comigo. Obrigada por me mostrar que eu sou capaz e que com muito empenho em vou longe. Algumas vezes desacreditei do meu potencial e você sempre me mostrou o contrário. Por isso te agradeço, mais uma vez!

Espero que este trabalho seja uma oportunidade de levar conhecimento para as crianças e, quem sabe, servir de inspiração para outros profissionais da comunicação. Tudo que foi escrito foi desenvolvido com muito amor e atenção e, nada mais justo do que desejar que ele tenha potencial para alcançar muitas e muitas pessoas!

## RESUMO

O presente trabalho envolve a produção de cinco programas em formato de *podcast* com intuito de levar educação e conhecimento para crianças de 7 a 10 anos. Por conta da inserção em uma sociedade tecnológica, atualmente, as crianças são um dos públicos que mais têm acesso aos recursos tecnológicos. Considerando o potencial do formato *podcast* para tal intuito, optou-se por abordar a temática Direitos Humanos nas edições produzidas, pelo fato de ser um tema transversal, que perpassa todos os conteúdos curriculares e está presente em diversas situações do cotidiano brasileiro. Para o desenvolvimento do trabalho, a metodologia foi composta por pesquisa bibliográfica sobre os temas história do rádio e do *podcast*, um estudo da linguagem e das crianças no meio tecnológico; uma pesquisa documental, a fim de encontrar dados em leis e artigos sobre os temas abordados, e um estudo de recepção, que foi autorizado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da USC e realizado na cidade de Bauru- SP, no Colégio São Francisco de Assis, possibilitando a análise de um programa piloto como forma de identificar as potencialidades do produto e ajustes necessários. Diante disso, o estudo produziu programas que possam servir de alternativa e/ou inspiração para levar conteúdos significantes dentro da sala de aula, em casa ou para ouvir no próprio celular. No âmbito jornalístico, o trabalho proporcionou a prática de algumas das funções inerentes ao jornalista, de forma a levar informação e conhecimento para outras pessoas e, no caso do público infantil, fomentando o aprendizado e a reflexão sobre a Alteridade.

**Palavras-chave:** Criança. Educação. Jornalismo. Podcast. Rádio.



## **ABSTRACT**

The present study comprehends the production of five episodes in podcast format aiming to bring education and knowledge to children between 7 and 10 years old. Due to the technological society we are living in, children are the most accessible public to technological resources. Considering the potential of podcast format in this scenario, it was decided to approach the theme of Human Rights in the produced episodes since it is a transversal theme which passes by all the curricular contents and it appears in different situations on Brazilians daily routine. To develop this paper, the methodology was composed by bibliographical researches about history of the radio and podcast, a study of language and children in the technological environment; a documentary research to find out data in laws and articles about the themes mentioned in, and a study of reception authorized by the Committee of Research and Ethics (CEP) of USC and held in the city of Bauru, São Paulo, in Colégio São Francisco de Assis, enabling the analysis of a pilot episode as a way to identify the potentiality of the product and make the necessary adjustments. Due to that, the study produced episodes that may be used as an alternative and/or inspiration to bring significant contents inside the classroom, at home or just to listen through your own cellphone. In the journalistic field, the paper provided the practice of some functions assigned to the journalists allowing bringing information and knowledge to other people and, in case of children, promoting learning and a reflection on Otherness.

**Keywords:** Children. Education. Journalism. Podcast. Radio.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Podcast na página inicial do site.....	24
Figura 2 - Menu das Categorias de <i>Podcasts</i> .....	29
Figura 3 - Menu da Seção Crianças.....	29
Figura 4 - Printscreen do Menu de Celular.....	30

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - O que vocês acharam do programa que escutaram?.....	45
Tabela 2 - Qual parte vocês mais gostaram e por quê?.....	46
Tabela 3 - Vocês já ouviram falar sobre acessibilidade? E se já ouviram, aonde vocês ouviram?.....	48
Tabela 4 - Vocês conseguiram prestar atenção?.....	49
Tabela 5 - Em que momento vocês não prestaram atenção e por quê?.....	51
Tabela 6 - O que vocês entenderam do programa escutado?.....	52
Tabela 7 - Vocês acharam dinâmico e divertido a forma como o assunto foi falado? .....	53
Tabela 8 - Vocês gostariam de escutar esse programa em casa, na sala de aula ou no celular?.....	54
Tabela 9 - Que outros assuntos vocês gostariam de escutar?.....	55
Tabela 10 - Vocês mudariam alguma coisa no programa?.....	57
Tabela 11 - O conteúdo pode ajudar no aprendizado?.....	58
Tabela 12- É melhor aprender escutando esse tipo de conteúdo na internet?.....	60
Tabela 13 - Vocês já escutaram <i>podcast</i> ou ouviram falar sobre <i>podcast</i> ?.....	61
Tabela 14 - O que vocês acessam na internet?.....	62
Tabela 15- E os seus pais, o que eles utilizam de ferramentas tecnológicas?.....	63
Tabela 16- Síntese dos programas.....	82

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
1.1	PROBLEMA DE PESQUISA.....	15
1.2	HIPÓTESE (S).....	15
1.3	JUSTIFICATIVA.....	15
1.4	OBJETIVOS.....	16
1.5	METODOLOGIA.....	17
1.6	DESENVOLVIMENTO.....	18
<b>2</b>	<b>O RÁDIO</b> .....	19
<b>3</b>	<b>PODCAST E LINGUAGEM</b> .....	23
3.1	COMUNICAÇÃO DIRIGIDA.....	25
3.2	LINGUAGEM RADIOFÔNICA.....	31
<b>4</b>	<b>INTERNET E A CRIANÇA</b> .....	34
<b>5</b>	<b>PODCAST E EDUCAÇÃO</b> .....	41
5.1	ESTUDO DE RECEPÇÃO.....	43
<b>6</b>	<b>SÉRIE DE PROGRAMAS</b> .....	66
6.1	DIREITOS HUMANOS.....	66
6.2	PAUTA: ACESSIBILIDADE.....	68
6.3	PAUTA: FOME.....	71
6.4	PAUTA: TRABALHO INFANTIL.....	73
6.5	PAUTA: REFUGIADOS.....	75
6.6	PAUTA: BULLYING.....	78
6.7	PRODUÇÃO.....	80
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	84
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	87
	<b>APÊNDICE A- Questionário</b> .....	93
	<b>APÊNDICE B-Roteiros</b> .....	94

ACESSIBILIDADE.....	94
FOME.....	99
TRABALHO INFANTIL.....	104
REFUGIADOS.....	108
BULLYING.....	112
<b>APÊNDICE C- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....</b>	<b>116</b>
AUTORIZAÇÃO.....	116
TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR.....	117
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	119
<b>APÊNDICE D- Parecer consubstanciado do comitê de ética e pesquisa.....</b>	<b>121</b>
<b>APÊNDICE E- Programas de podcast (mídia).....</b>	<b>124</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Com o desenvolvimento da internet e dos recursos tecnológicos, novas formas de se obter informações surgiram. O *podcast* é um desses exemplos. A palavra *podcast* vem da junção de *pod* de *ipod*, que significa tocador de áudio da *Apple* e *broadcast*, que significa transmissão. É um formato capaz de disponibilizar conteúdos em áudio na internet sobre diversos assuntos, muitos deles segmentados ou hiper-segmentados. A facilidade de acesso ao *podcast*, que pode ser escutado em qualquer lugar a partir de um computador ou equipamento *mobile*, e sua linguagem coloquial têm motivado seu uso para a educação, sendo visto como um complemento para facilitar a compreensão de vários assuntos, inclusive específicos. (CANFIL; ROCHA, 2009).

Foi no ano de 2004 que este formato nasceu e cresceu, ganhando cada vez mais abrangência e popularidade (CANFIL; ROCHA, 2009). Mas é preciso compreender que o *podcast* se originou de um veículo de comunicação de massa que por muitos anos era o mais popular do país, o rádio.

No Brasil, a primeira transmissão radiofônica foi realizada em 1919, em Pernambuco. Posteriormente, nos anos 20, a empresa estrangeira Westinghouse distribuiu alto-falantes e receptores de radiodifusão pelo Rio de Janeiro, até então capital do país, despertando o interesse dos pioneiros do rádio (FERRARETTO, 2014).

A primeira emissora regular foi a Rádio Sociedade do Rio do Janeiro, idealizada por Roquette-Pinto, considerado o pai do rádio brasileiro. Roquette uniu um grupo de pioneiros do rádio que buscava trabalhar para a cultura da população.

O rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo; o guia dos sãos; desde que realizem com espírito altruísta e elevado. (ROQUETTE-PINTO apud FERRARETTO, 2001, p. 97).

A partir daí o rádio começou a ganhar forma e público. Passando pela fase popular, na década de 30, pelo seu apogeu nos anos 40, a sua decadência e reestruturação, nos anos 50 e 70 respectivamente, até chegar à sua segmentação,

novos formatos, redes vias satélites e conteúdo multimídia, como nós conhecemos hoje.

Todo esse processo de globalização intensificou os meios de comunicação. No rádio, com o advento da internet, novas formas de produzir informação surgiram. Rádio on-line (distribuição de conteúdo analógico na internet), web rádio (uma rádio exclusivamente locada e transmitida via internet), e *podcast*, formato escolhido para o desenvolvimento deste trabalho, são exemplos disso. Segundo Kischinhevsky (2009), o *podcast* se desenvolveu às margens das emissoras AM/FM. É uma radiodifusão sob demanda, inserida na lógica da comunicação de nicho, apresentando maior diversidade potencial em termos de linguagem, temática e formatos. E foi assim que esse novo formato ganhou público, uma vez que pode ser escutado a qualquer hora e em qualquer lugar.

Com base nisso, é possível identificar no *podcast* grande potencial para a transmissão de conteúdos educacionais e culturais. Esse formato atende as mesmas características que McLeish (2001) definiu para o rádio, que é um meio cego, capaz de estimular a imaginação e fazer com que o ouvinte crie em sua mente imagens daquilo que está sendo dito. Tudo se cria dentro do indivíduo e as vozes, os sons, efeitos, são ferramentas fundamentais para dar vida ao que está sendo falado.

O *podcast* atua para diversas faixas etárias e segmentos, mas percebe-se que pode, principalmente, se tornar um meio bastante eficaz com as crianças, consideradas nativos digitais. O termo, criado pelo estudioso norte-americano Marc Prensky, caracteriza aquele que nasceu e cresceu com as tecnologias.

Eles passaram a vida inteira cercados e usando computadores, videogames, tocadores de música digitais, câmeras de vídeo, telefones celulares, e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital [...] Os Nativos Digitais estão acostumados a receber informações muito rapidamente. Eles gostam de processar mais de uma coisa por vez e realizar múltiplas tarefas [...]. (PRENSKY, 2001, p.1).

E é exatamente por estarem imersas nas tecnologias que as crianças acabam por se tornar grandes consumidoras da internet e dos conteúdos nela disponibilizados. A pesquisa CETIC (2016) “TicKids” Online Brasil, realizada entre novembro de 2015 e junho de 2016, indicou que 80% das crianças e dos

adolescentes de 9 a 17 anos são usuários da internet, o que corresponde a 23,7 milhões de crianças e adolescentes usuários de internet no país. Tendo esse resultado em vista, é nítida a presença desse recurso tecnológico cada vez mais ativo no dia a dia da população, exercendo diversas influências, inclusive contribuindo como ferramentas facilitadoras para o ensino.

Tapscott (1999) descreve em uma frase muito do que a internet pode proporcionar: “A internet também convida as crianças a explorar o mundo, a colocar suas experiências em prática”. E é esse fato de propor a exploração e a oportunidade de poder colocar as experiências em prática que o *podcast* indica ser um potencializador para a educação e o conhecimento.

Barbosa Filho e Castro (2005, p.292) afirmam que “[...] A inclusão digital é hoje umas das experiências mais dignificantes pela qual uma sociedade moderna pode estabelecer condutas que a conduzam a conquista dos ideais de justiça social e da plena cidadania para todos os seus integrantes [...]”. Faz parte da evolução natural do homem e também do sistema educacional a inserção das mídias, seja no seu dia a dia ou em sala de aula.

Sob essa perspectiva, produziu-se uma série com cinco edições para um programa de *podcast*, cada um abordando um tema diferente sobre os direitos humanos, mas mantendo a educação e o conhecimento como características principais. Como estudo, uma edição piloto dessa série foi veiculada em sala de aula, a fim de se analisar a recepção através de um grupo focal composto por crianças de 7 a 10 anos, uma vez que, segundo Tapscott (1999), “Recorrer à internet significa derrubar as paredes da sala de aula e deixar a comunidade exterior invadir “saudavelmente” aquele espaço até agora perfeitamente delimitado e limitado”.

A escola deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, pois existe uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados. Essa diversificação e difusão do saber, fora da escola, é um dos desafios mais fortes que o mundo da comunicação apresenta ao sistema educacional. (MARTÍN-BARBERO, 2011, p.126).

Por conta dessa diversificação do saber e por ser um novo formato de conteúdo que o *podcast* pode servir como aliado ao aprendizado, à escola e aos



pais, afirmação esta que se ampara na crença de que as tecnologias, a informação e a educação devem andar juntas.

É nessa perspectiva que o trabalho busca unir a educação com duas ferramentas: a internet, uma vez que tem sido uma facilitadora ao acesso a conteúdos, e o jornalismo, por meio da adoção de conceitos jornalísticos como clareza, simplicidade e objetividade, para levar conhecimento e informação às crianças.

### 1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

A partir da relação da internet com a criança e do rádio como instrumento potencializador para a educação, a pesquisa buscou responder qual o melhor formato e abordagem de *podcast* para o público infantil.

### 1.2 HIPÓTESE (S)

A pesquisa parte das seguintes hipóteses: o rádio, por ser um meio cego, desperta a imaginação através da emoção contida nas palavras e dos recursos de sonoplastia. Sendo assim, a inserção de assuntos relevantes para a formação da criança em programas dinâmicos no formato de *podcast* pode trazer resultados positivos para a absorção de informações tidas como relevantes para a formação do indivíduo.

Outra hipótese parte da rápida perda de atenção do público infantil, ainda mais pelo rádio ser um meio em que não se utiliza da imagem para chamar a atenção e sim de outros recursos. Com isso, a produção de *podcasts* curtos e com uma linguagem dinâmica e de fácil entendimento pode despertar na criança o interesse e a sua concentração para o conteúdo que está sendo escutado.

### 1.3 JUSTIFICATIVA

Desde o princípio, a escolha de um tema para o Trabalho de Conclusão de Curso estava atrelada ao desejo de produzir algo que pudesse, de alguma forma,

contribuir e servir de conhecimento para outras pessoas. Ao analisar o meio atual em que vivemos, é nítida a presença da tecnologia e da internet.

Tendo em mente tal finalidade, atenta-se ao fato de que o *podcast*, formato que vem se expandindo, é uma ferramenta com grande potencial para transmitir conhecimento e educação para as crianças, as quais são consideradas como "nativos digitais", justamente por estarem imersas na tecnologia desde seu nascimento.

Sendo assim, o *podcast* proposto no projeto busca unir a educação e o jornalismo utilizando uma ferramenta atual, que pode ser adotada em sala de aula, em casa, inclusive no próprio celular, que, segundo dados da pesquisa CETIC (2016) "TicKids" Online Brasil, é o equipamento mais utilizado para acessar a internet, correspondendo a 85% dos usuários de 9 a 17 anos. Sobre isto, uma pesquisa realizada pela Fundação Telefônica juntamente com a Universidade de Navarra, da Espanha, apesar de realizada em 2012, já relatava que 38,8% das crianças entre 6 a 9 anos tinham celular próprio e 23,4% utilizavam o celular de outras pessoas. Ou seja, mais de 60% das crianças utilizavam o celular. Assim sendo, este formato oferece a oportunidade de utilizar a tecnologia para produzir e disponibilizar conteúdos dinâmicos, significativos e informativos ao público infantil, Incentivando a compreensão e reflexão sobre Alteridade a partir da veiculação de assuntos relevantes. Com o estudo de recepção, avaliou-se preliminarmente ser possível analisar as potencialidades e possíveis atuações futuras dos programas de *podcast*.

#### 1.4 OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é buscar o desenvolvimento crítico das crianças, incentivar debates em sala de aula e a integração social por meio da produção de uma série de *podcast* que unisse o jornalismo e a educação. E como objetivos específicos, produzir programa no formato de *podcast* que seja o mais adequado para crianças as crianças escutarem, a fim de conseguir proporcionar conhecimento e informação; Incentivar a educação e a difusão do conhecimento por meio da veiculação de conteúdo jornalístico para crianças; Identificar as reações e opiniões das crianças com base no *podcast* criado e buscar inserir nos programas conteúdos educacionais e diferenciados a fim de cativar os ouvintes.

## 1.5 METODOLOGIA

O primeiro passo para a realização do trabalho envolveu pesquisa bibliográfica, “feita com base em documentos já elaborados, tais como livros, dicionários, enciclopédias, periódicos, como jornais e revistas, além de publicações, como comunicação e artigos científicos [...]” (SANTOS, 2002, p.161). Sendo assim, a pesquisa buscou fazer um levantamento de dados sobre os novos recursos tecnológicos do rádio, sendo ele o *podcast*, a história do rádio, os nativos digitais e entre outros assuntos que serviram para compreender a ideia do trabalho.

Para a introdução do assunto e a sua contextualização, autores como Canfil e Rocha, (2009), Ferraretto (2001 e 2014), Kischinhevsky (2009), McLeish (2001), entre outros serviram como referências. Para a produção do roteiro e dos programas, Ferraretto (2001 e 2014) foi um dos autores principais, bem como Zuculoto (2012) e McLeish (2001) e Kischinhevsky (2009). Em se tratando do público-alvo, os livros de Piaget (1968 e 1986), Vygotsky (1991) e Tapscott (1999 e 2010) serviram como referencial teórico para um melhor desenvolvimento do assunto a ser explanado.

Com esses dados obtidos, foi possível ter um auxílio para a produção do *podcast*, que envolve a construção de programas de curta duração voltados para a promoção da educação e do conhecimento, tendo como público-alvo as crianças de 7 a 10 anos. Essa faixa etária compreende o primeiro ciclo do ensino fundamental, fase marcada pela socialização e sensibilização para temáticas sociais. Segundo Piaget (1986), é neste mesmo período que a criança se torna mais realista. Como princípio, produziu-se uma edição piloto, que foi veiculada para as crianças e, a partir dos seus apontamentos, foram feitos aprimoramentos para produzir a série restante.

Produzir o *podcast* exigiu os conhecimentos básicos quanto às características do rádio e a forma como o conteúdo deveria ser produzido. A linguagem, o texto, a locução, os efeitos de sonoplastia foram elementos estudados e colocados em prática para um melhor resultado do produto, de forma a atingir o público-alvo definido.

Os programas foram produzidos no Laboratório de Rádio da Universidade do Sagrado Coração, que conta com todos os equipamentos necessários para a

realização do mesmo. Junto com os técnicos da rádio, os programas foram gravados e analisados para um melhor resultado.

Após a construção do programa piloto, foi possível realizar um estudo de recepção com as crianças, executado na cidade de Bauru, no colégio São Francisco de Assis. A escolha do lócus deveu-se à facilidade de acesso e ao rápido aceite da direção do local em participar da pesquisa.

A recepção envolveu a audição do programa piloto da série dos *podcasts* produzidos, buscando identificar as reações das crianças e incentivar o debate entre elas. O grupo focal foi o método escolhido, na qual se optou por uma entrevista coletiva com o público delimitado, ao invés de fazê-la individualmente.

O grupo focal é altamente recomendável quando se quer ouvir as pessoas, explorar temas de interesse em que a troca de impressões enriquece o produto esperado, quando se quer aprofundar o conhecimento de um tema. (COSTA apud DUARTE; BARROS, 2009, p.183).

Com isso, o resultado pode ser muito mais dinâmico e melhor estudado pelo pesquisador. E, assim, através das questões elaboradas para o grupo focal, foi possível coletar as informações necessárias para analisar as potencialidades do produto, os ajustes a serem feitos e dar continuidade ao restante dos programas.

## 1.6 DESENVOLVIMENTO

A execução do percurso metodológico resultou na redação de sete capítulos, sendo eles teóricos, práticos e também de análise de dados. Os quatro primeiros capítulos condizem com a história do rádio, do *podcast*, um estudo sobre a linguagem, o desenvolvimento da criança e o meio em que está inserida.

O quinto capítulo é dedicado ao estudo de recepção e à análise de dados e o sexto versa sobre a produção dos programas, contando com a ajuda dos técnicos do Laboratório de Rádio da Universidade do Sagrado Coração. Por fim, o sétimo capítulo é destinado às considerações finais da pesquisa.

## 2 O RÁDIO

Com seus mais de 90 anos, o rádio, a partir de suas primeiras aparições no Brasil, nas três primeiras décadas do século XX, foi adquirindo gradativamente perfil de um veículo de comunicação de massa, além de ter liderado a preferência popular por várias décadas. Com o passar dos anos e o advento das tecnologias, como, por exemplo, o transístor, a frequência modulada e o satélite, o rádio vem evoluindo em termos de difusão, conteúdo e interatividade, permitindo manter-se diante de uma sociedade que está em constante mudanças. (FERRARETTO, 2014).

Em relação à difusão, o rádio começou com a tecnologia de radiodifusão, por meio da qual o conteúdo é transmitido através da irradiação por ondas eletromagnéticas. Essa comunicação à distância também se dá na televisão, sendo chamada de radiodifusão de sons e imagens e, para o rádio, radiodifusão sonora. (FERRARETTO, 2014).

Com o passar do tempo, outras tecnologias foram surgindo, como é o caso do transístor, considerado por pesquisadores como um dos avanços tecnológicos que mais influenciaram na sobrevivência do rádio, pois, com ele, a qualidade de transmissão e a recepção foram aprimoradas. A partir de então, os aparelhos receptores transistorizados possibilitaram que o conteúdo radiofônico pudesse ser ouvido em qualquer lugar e em qualquer tempo. Tornando o rádio um objeto portátil. (MEDITSCH, 2001).

A recepção portátil foi uma conquista da comunicação sem fio que alterou profundamente a produção e transmissão de informações. Se o telefone e o telégrafo inauguraram a era da comunicação eletrônica com a introdução do tempo real, a tecnologia do rádio a complementou pela ubiquidade. (MEDITSCH, 2001, p.244).

E essas inovações não pararam por aí, além do surgimento das unidades móveis, os equipamentos tiveram o seu peso e tamanho reduzido, possibilitando as reportagens de rua, entrevistas ao vivo fora do estúdio, impulsionando o radiojornalismo. Ainda nessa fase, período entre 1955 a 1970, as FMs começaram a ser implantadas, tendo uma maior qualidade de som e recepção em comparação com as AMs.(FERRARETTO, 2001).

Pode-se entender como Amplitude Modulada (AM) a transmissão de sinais pela modulação das ondas, ou seja, o sinal sonoro é transmitido por uma onda

eletromagnética. Este tipo de transmissão está sujeito a sofrer interferência de fenômenos naturais, como, por exemplo, raios, ou artificiais, como as provocadas por motores.

A Frequência Modulada (FM) é a transmissão de sinais pela modulação da frequência da onda. Raramente essas ondas sofrem interferência, permitindo desta forma uma emissão e recepção de som em uma qualidade superior em relação às AMs. Contudo, o seu alcance é limitado a um raio máximo de 150 quilômetros. (FERRARETTO, 2001).

Posterior ao surgimento do transistor e das emissoras FM, o satélite foi a grande novidade, possibilitando a difusão e transmissões digitais, tanto de AM quanto de FM, com uma abrangência em todo o país. A Embratel, Empresa Brasileira de Telecomunicação, na época lançou um serviço (Radiosat) que modificou o quadro da radiodifusão sonora no país.

Com o início de operação do serviço Radiosat da Embratel - um sistema de transmissão via satélite, em estéreo e com alta qualidade de áudio - as grandes emissoras das capitais estão se unindo a pequenas emissoras do interior para a formação de redes nacionais de rádio. Além da cobertura nacional, um custo mais baixo e som de melhor qualidade, as novas redes prometem oferecer ao público mais informação, porque as pequenas emissoras, que ainda fazem seus noticiários à base da radioescuta das grandes, agora poderão se dedicar mais ao jornalismo regional. (FERRARETTO, 2001, p. 166).

Logo depois, no final dos anos 90, a internet veio como modificadora e fomentadora de novas formas de transmissão de conteúdo.

O desenvolvimento de inúmeras tecnologias no campo da eletrônica e da informática promoveu uma grande expansão das telecomunicações e deu à comunicação humana e massiva um caráter cada vez mais intensivo. (ESCH, 2001, p.77).

A era digital permitiu o funcionamento de novos tipos de rádio e formatos, como a rádio on-line, englobando emissoras em operação via internet, que se subdivide em: rádio na web, em que as estações de rádio também transmitem seus sinais ao mesmo tempo na internet, e as web rádios, emissoras exclusivamente locadas na internet, por meio do que realizam suas transmissões; e, por fim, o *podcast*, difusão via rede de arquivos ou série de arquivos, que pode ser

considerado um meio que extrapola sua base tecnológica inicial, sendo identificado como um “rádio expandido”. (FERRARETTO, 2014).

A despeito dessas incorporações tecnológicas, o rádio tem mantido as suas características principais. Dentre elas, a utilização de uma única linguagem (emissor) e a predominância de um único sentido (receptor). A linguagem radiofônica engloba o uso da voz humana, dos efeitos sonoros, da música e do silêncio, atuando de forma isolada ou combinados entre eles.

A mobilidade é outra peculiaridade do rádio reforçada com a incorporação de tecnologias, que reforçou a ideia do veículo presente e passível de ser ouvido em qualquer lugar. Com o surgimento do transistor e também da transmissão via satélite, o rádio pode estar presente nos locais dos acontecimentos e transmitir a notícia em tempo real. Para o ouvinte, a mobilidade é uma das características principais. “O rádio acompanha o ouvinte no carro, na praia, na cozinha, no ônibus, no restaurante, na rua, no campo, na cidade, etc. O rádio, enfim, pode comunicar-se com o ouvinte em qualquer lugar e a qualquer tempo.” (ZUCULOTO, 2012, p.25).

A sensorialidade é outra característica estimulada pelo rádio, cujas mensagens envolvem sensações. Com a portabilidade do aparelho (em decorrência do transistor), o rádio tornou-se ainda mais o companheiro do ouvinte. E, mais do que isso, o rádio, por ser um meio cego, trabalha a emoção contida nas palavras e incentivada pelos recursos de sonoplastia, mexendo com a imaginação e formando imagens na mente de quem escuta. Por conta das características listadas, o rádio consegue envolver o ouvinte com facilidade por meio da empatia e, mais importante, leva informação e conhecimento.

A descrição em torno das características do meio permite compreender melhor a maneira como o pesquisador Luís Artur Ferraretto conceitua o rádio:

O rádio é, por definição, um meio dinâmico. Está presente lá, onde a notícia acontece, transmitindo-a em tempo real para o ouvinte. Também aparece ali, onde se faz necessária uma canção para espalhar ou enlevar. E chega acolá, naquele cantinho humilde que carece de uma palavra de apoio, de conforto ou, quem sabe, de indignação. Neste século XXI de tantas tecnologias e, por vezes, de poucas humanidades, constitui-se por natureza, e cada vez mais, em um instrumento de diálogo, atento às demandas do público e cioso por dizer o que as pessoas necessitam e desejam ouvir em seu dia a dia. Tudo de forma muito simples, clara e objetiva. (FERRARETTO, 2014, p.13).

Essa conceituação se reflete no rádio atual e nas suas diferentes formas de difusão, cujo objetivo envolve atender a demanda do público de acordo com as suas necessidades, influenciando sua usabilidade e, conseqüentemente, a oferta de novos formatos. Como é o caso do *podcast*, objeto deste trabalho que será abordado de maneira pormenorizada no capítulo 3.

Sendo assim, é possível enxergar no rádio grande potencial para transmitir conhecimento e informações das formas mais variadas e atendendo aos mais variados tipos de demanda.

Edgar Roquette Pinto, considerado o pai do rádio brasileiro, tinha uma visão idealista na época em que o rádio foi implantado no país, período entre 1919 a 1930, quando tem início sua profissionalização e o primeiro decreto da primeira legislação específica sobre o veículo no país. Para o pioneiro do rádio, o veículo não deveria apenas informar ou proporcionar entretenimento, mas, também, formar e educar a população. E esse desejo está presente neste trabalho, uma vez que levar educação é um dos objetivos principais. (FERRARETTO, 2001).

A grande questão, não só imposta para o rádio, mas também para os outros veículos de comunicação, é qual será o futuro de cada um deles com o advento das tecnologias, entre elas a internet e o *mobile*, por conta da alteração de hábitos de consumo de mídia.

Entretanto, em nível de potencial, até agora não se tirou do rádio a característica de ser, entre os meios de comunicação tradicionais, o mais popular e o mais abrangente em termos de possibilidade de alcançar maior público. O rádio, agora junto com a internet e inclusive por meio desta plataforma, também permanece como um dos veículos que detém maior velocidade de distribuição de informações. (ZUCULOTO, 2012, p.151).

Hoje se pode dizer que o futuro do rádio está relacionado com as inovações tecnológicas. Mas ainda assim os aparelhos de rádio tradicionais são os mais utilizados pelos ouvintes, correspondendo a 63%, de acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia de 2016. Desta forma, a internet e o *móvil* servirão como as novas apostas para essa nova geração e as gerações futuras.



### 3 PODCAST E LINGUAGEM

Criado em 2004, pelo ex-VJ norte-americano Adam Curry, o *podcast* tornou-se popular por conta dos tocadores de MP3 da Apple, os *Ipods*. Como já foi mencionado, a palavra *podcast*, vem da junção de *pod* de *Ipod*, (tocador de áudio da Apple) e *broadcast*, (transmissão). Tal explicação indicia que o formato foi criado para disponibilizar conteúdo em áudio na internet, podendo ser ouvido em qualquer lugar e a qualquer momento. (KISCHINHEVSKY, 2009).

O rádio e o *podcast* possuem semelhanças, como, por exemplo, utilizar apenas um dos sentidos, a audição, para a recepção da mensagem, bem como as mesmas tecnologias de gravação e reprodução. Contudo, há diferenças que determinam o *podcast* como um formato distinto do rádio.

A transmissão em tempo real por ondas eletromagnéticas impede que o rádio de antena possa ter o seu conteúdo pausado, adiantado ou repetido, diferentemente de uma transmissão de conteúdo por dados, como é o caso do *podcast*, que habilita todas essas funções. Outro ponto a se destacar é que no rádio de antena a transmissão em tempo real necessita de um fluxo diário de 24 horas. Já no *podcast* isso não ocorre, uma vez que o lançamento de episódios novos não depende de uma programação definida.

[...] o *podcasting* – quando desvinculado da radiodifusão convencional – apresenta maior diversidade potencial em termos de linguagem, temática e formatos. Mesmo assim, pelo menos até aqui, a maioria reproduz estilos de locução, formatos de programas, vinhetas e outros recursos típicos do AM/FM. (KISCHINHEVSKY, 2009, p.231).

Pode-se afirmar que a linguagem radiofônica une o rádio tradicional ao *podcast*, tido como um tipo de rádio on-line. No entanto, o *podcast* diferencia-se por apresentar essa diversidade de acesso, alterando a dinâmica e lógica do rádio, o que o leva a ganhar cada vez mais público conforme os anos passam. Segundo a pesquisa *The Podcaster Consumer*, 2016, publicada pelo Instituto Edison, dos Estados Unidos, em que os norte-americanos tiveram sua relação com o *podcast* monitorada, pode-se notar que a adesão ao *podcast* aumentou de 11% no ano de 2006 para 36% em 2016. E, mais do que isso, houve uma migração dos

computadores para os smartphones: em 2013, 58% escutavam pelo computador, em 2016, 71% utilizavam os dispositivos móveis.

Aqui no Brasil, o *podcast* vem se popularizando aos poucos. A Podpesquisa, 2014, pesquisa nacional sobre a audiência de *podcasts*, relatou que dos 16 mil brasileiros entrevistados quase 25% deles ouvia o formato há mais de quatro anos, correspondendo a 24,80%;13,73% correspondiam àqueles que escutam há 3 ou 4 anos; 22,28% entre 2 e 3 anos; 25,87% entre 1 e 2 anos e 13,32% há menos de um ano.

Atualmente muitos veículos de comunicação têm apostado no *podcast* como outra forma de atrair o público. O site do UOL é um desses exemplos que acoplam o formato como complemento de alguns assuntos ocorridos no dia.

Figura 1- *podcast* na página inicial do site



Fonte: UOL (© 1996-2017)

Essa popularização do formato *podcast* indica o potencial da digitalização do rádio e a sua convergência com as demais mídias, como, por exemplo, a internet – por meio de sites e portais –, televisão digital, *tablet*.

A comodidade em poder captar, editar e publicar o conteúdo audiofônico de forma personalizada reforça o fenômeno *podcasting*, modificando o conceito do poder de emissão. O ouvinte pode alterar o fluxo de produção da mensagem sonora, descentralizando a emissão e a recepção, tornando mais plural o contexto de produção e consumo de conteúdos radiofônicos. (CARVALHO; PIERANTI, 2010 apud NEUBERGER, 2012, p. 144).

Por vivermos em um contexto de mobilidade, onde há o trânsito e multiplicidade de atividades, a valorização dos dispositivos móveis favorece o *podcast*, que vem a ser um formato de grande potencial para quem o escuta. Uma das vantagens está no poder da escolha, possibilitando ao ouvinte selecionar o que vai ouvir, quando ouvir, se vai reter esse conteúdo (fazendo o download ou escutando-o online) ou se vai repetir a audição.

Entretanto, para se ouvir pela primeira vez uma edição de *podcast*, é necessário ter o acesso à internet, seja por meio de uma rede fixa ou por pacote de dados. E isso pode se tornar um empecilho para aqueles que não têm acesso a essa ferramenta. Mas, como foi exposto no capítulo anterior, mais da metade da população brasileira utiliza a internet, sendo uma realidade que tende a se propagar conforme os anos passam. Desta forma, o formato *podcast* condiz com essa era tecnológica e que está em constante desenvolvimento para atender a população, que cada vez mais preza pela mobilidade e praticidade.

Por conta dessa audição individualizada, o *podcast* pode ser utilizado como um meio de comunicação segmentada, dirigida.

### 3.1 COMUNICAÇÃO DIRIGIDA

A comunicação está presente entre os homens por muitos anos, seja através dos desenhos, na época das cavernas, ou através da oralidade e escrita. A questão é que o homem está sempre se comunicando. Mas a comunicação, segundo Marcondes Filho (2008), vai muito além de uma transmissão de conteúdo através de um canal, sobre um meio qualquer, por intermédio de uma pessoa ou veículo.

A comunicação é um procedimento meu em relação àquilo que me aparece ou que eu procuro. É a minha maneira de me relacionar com o mundo. Posso ler um jornal, para me informar, para saber de política, da economia, dos esportes, da programação de televisão. Quando abro o jornal, a maioria dos assuntos não me interessa, exatamente porque nem tudo é informação para mim, mas apenas aqueles poucos assuntos dos quais eu procuro saber. (MARCONDES FILHO, 2008, p. 17).

Informação, portanto, é tudo que gera intencionalidade e esta, quando resulta em sentido, proporciona a comunicação, o “tornar comum”, do latim *comunicare*. Sob

essa premissa, comunicação é relação entre as pessoas ou entre pessoas e objetos, os meios – enquanto suportes e instituições.

A comunicação que transmite uma mensagem a longa distância para um grande público é denominada de comunicação de massa (MCQUAIL, 2003), também chamada de comunicação ponto-massa, de um para muitos.

Nesse segmento encontram-se segmentos de mercados que utilizam meios midiáticos, como, por exemplo, rádio, jornais, televisão, para disseminar conteúdos às grandes audiências e públicos, dispersos e heterogêneos. É uma comunicação feita para chegar a muitos; o rádio é um desses exemplos, que utiliza da comunicação massiva.

Porém, com o advento da Internet e das tecnologias *mobile*, a comunicação passou a ser ponto-ponto, isto é, todos podem ser emissores. Nesse sentido, atualmente, é possível notar outro tipo de difusão de conteúdo, a comunicação dirigida, em que se pensa o produto, desde o seu formato, recepção e linguagem, para um público específico. Essa é uma das grandes características do formato *podcast*, que se dá pela sua radiodifusão sonora sob demanda. Este tipo de comunicação potencializa os meios para identificar e produzir informação para um determinado público. (MARTINS, 2010).

A comunicação dirigida considera cada componente do processo de comunicação como um momento especial de empatia, no qual o receptor é o elemento primordial para que efetivamente se estabeleça a comunicação, em que fonte e emissor se identificam e o feedback é manifestado pelo receptor que, nesse caso, agiu como público efetivo. (MARTINS, 2010, p.257).

Este tipo de comunicação é um campo que recentemente está tendo a sua devida importância e reconhecimento. Buscar direcionar o seu conteúdo para um público específico possibilita um resultado melhor entre o emissor e receptor, resultando em melhor eficácia. No Brasil, são exemplos da comunicação dirigida o *podcast* voltado para a história, o *Escriba Café*<sup>1</sup>; há ainda o *Xadrez Verbal*<sup>2</sup>, voltado para a política internacional; o *Mamilos*<sup>3</sup>, feito por mulheres e tratando de temas polêmicos, e um dos mais populares, o *Nerdcast*<sup>4</sup>, trazendo conteúdos do mundo

---

<sup>1</sup> *Escriba Café*. Disponível em: <<https://escribacafe.com/>>

<sup>2</sup> *Xadrez Verbal*: Disponível em: <<https://xadrezverbal.com/>>

<sup>3</sup> *Mamilos*: Disponível em: <<http://www.b9.com.br/podcasts/mamilos/>>

<sup>4</sup> *Nerdcast*: Disponível em: <<https://jovemnerd.com.br/nerdcast/>>

*nerd*, como cinema, jogos, música e curiosidade. Em 2016, de acordo com o site Jovem Nerd (c2002-2016), o *Nerdcast* completou 10 anos com 1 milhão de downloads por episódio, uma marca significativa em se considerando o universo da podosfera brasileira.

Assim como no rádio, o formato *podcast* procura criar a sua identidade e segmentar os seus conteúdos. Possuir uma identidade é fundamental para a relação entre emissor e receptor. É ser capaz de representar os anseios, os interesses, as necessidades e/ou objetivos de cada ouvinte. É ter personalidade e criar, assim, uma identificação com o público. (FERRARETTO, 2001).

[...] A eficácia da identidade está associada à consistência da mensagem em si, de estilos, e formas de apresentação e locução, das palavras de ordem, de *slogans* empregados, enfim, de um conjunto bem ajustado de elementos que perpassa todas as atividades o tempo todo e é facilmente reconhecido pelo público. (WARREN, 2005, p.97 apud FERRARETTO, 2001, p.41).

Como exemplo, o *Escriba Café*, *podcast* voltado para história, constrói a sua identidade por meio da locução, uma voz masculina; da linguagem, transmitindo os temas como se fossem histórias de livros, e dos efeitos sonoros, que dão vida ao que está sendo falado e que são fundamentais para criar as imagens sonoras. Desta forma, o *Escriba Café* é identificado como um programa de história que transmite os seus conteúdos como se estivesse narrando uma história tirada de um livro. Outro exemplo é o *podcast Mamilos*, que constrói a sua identidade, principalmente, pela sua locução, que é feita por mulheres.

Assim sendo, percebe-se que *podcast* trabalha muito bem a identidade em busca de setores específicos de públicos, de forma a produzir conteúdos e transmiti-los de maneira dirigida. Esta é a base da segmentação.

[...] define-se segmentação como um processo em que, a partir dos interesses dos ouvintes e dos objetivos da empresa de radiodifusão sonora, se adapta parte ou a totalidade de uma programação a um público específico. Considera-se, assim, não apenas classe social, faixa etária, sexo e nível de escolaridade, mas sim interesses determinados como, por exemplo, as preferências do grupo ao qual o indivíduo pertence. (FERRARETTO, 2001, p.54).

Deste modo, trabalhar por meio de segmentos é uma maneira de atrair públicos específicos e fidelizá-los ao conteúdo produzido. É muito mais provável que

alguém que goste de história, por exemplo, procure por programas que abordem esse tipo de assunto especificamente, do que buscar por outro programa que traga diversos assuntos, dentre eles o tema história. Isto significa definir uma fórmula de atuação. No rádio, isto atende pelo nome de *rádio fórmula* ou, em português, formato.

Segmento e formato são termos correlatos, mas aplicados de maneira diferente. O segmento, na indústria da comunicação, é usado para indicar qualquer foco de audiência, o formato é usado para servir como um modelo, referência, de identificação e atrair uma grande parcela de ouvintes que com ele se identifique. Como exemplo, um veículo de comunicação que busca ouvintes do perfil formador de opinião, classes A e B, alto grau de escolaridade e deseja atuar no segmento informativo pode fazê-lo por meio do formato *All-news*, que é a fórmula de uma emissora dedicada totalmente ao conteúdo jornalístico. (FERRARETTO, 2014).

A partir do segmento, escolhe-se o formato e dele monta-se a programação, que é o conjunto de programas, também denominados conteúdos.

[...] o formato é uma concepção global de programação de uma emissora ou programa específico. É, em essência, uma combinação de elementos [...] em uma sequência a qual irá atrair e prender o segmento de audiência que está sendo buscado. (LEE, 2004, p. 612 apud FERRARETTO, 2014, p.52).

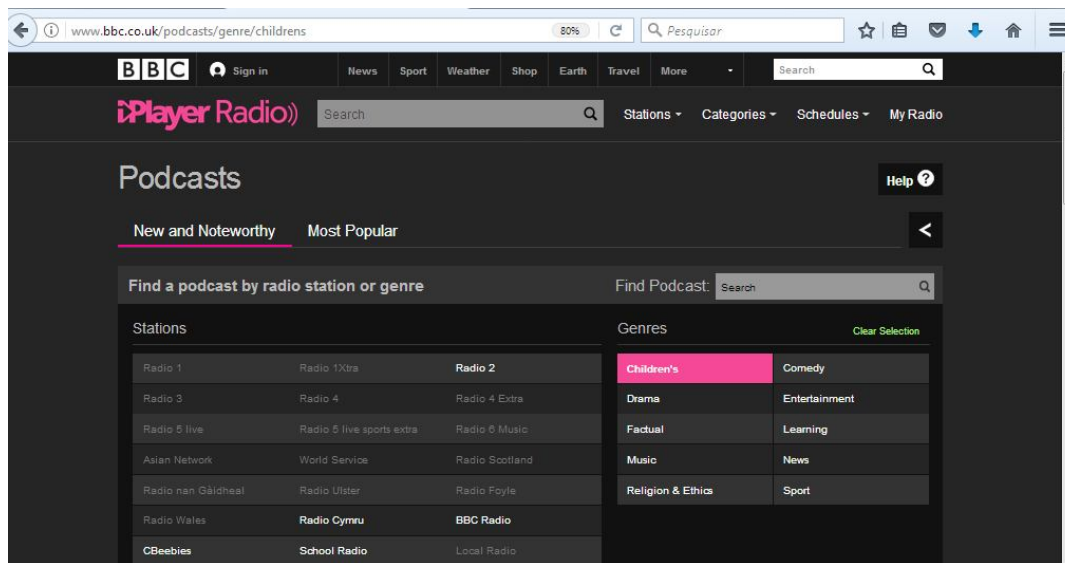
Embora não tenha uma programação 24 horas, como as emissoras radiofônicas analógicas ou as web rádios, o *podcast* deve refletir sobre o conteúdo emitido.

Assim sendo, o formato *podcast* deve trabalhar a segmentação de forma a atingir um público específico, independente de seus interesses e perfis demográficos. No caso das crianças, público-alvo deste trabalho, é possível notar uma lacuna em relação aos programas voltados ao público infantil brasileiro, o que não reflete a realidade externa, como, por exemplo, na Europa.

Exemplo disso é o site da BBC UK, portal jornalístico dessa empresa de radiodifusão britânica, em que é possível encontrar conteúdos em áudio específicos para elas. Além de possuírem um acervo com diversas sessões, dentre elas música, esporte, entretenimento, religião, há seção crianças. Nela, são encontrados programas de *podcast* que contam desde histórias até os que ensinam sobre instrumentos musicais. Há informações como a duração dos episódios e últimas

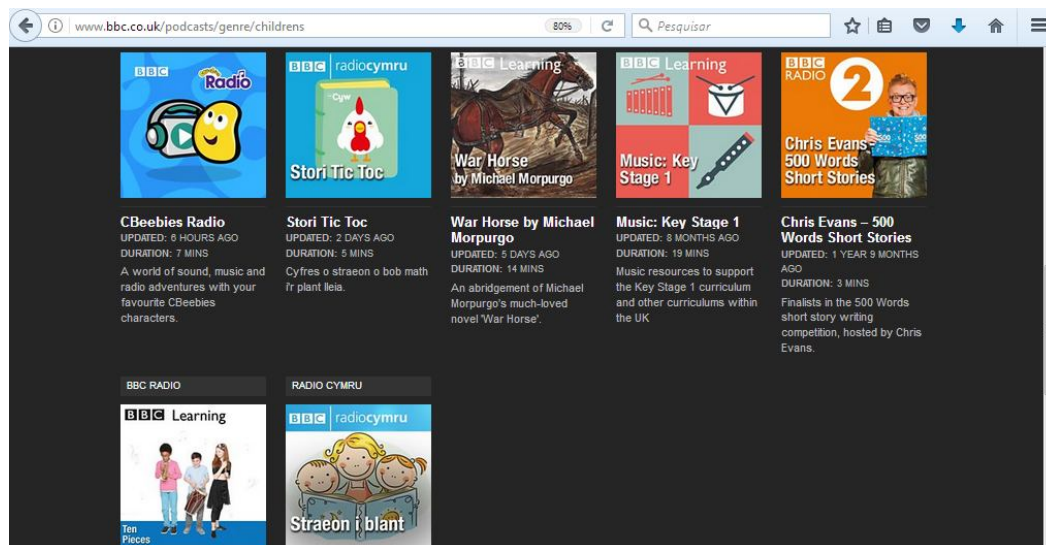
atualizações, e alguns até possuem a classificação etária, como indicam as figuras 2 e 3.

Figura 2 – Menu das Categorias de *Podcasts*



Fonte: BBC UK (© 2017 BBC)

Figura 3 – Menu da Seção Crianças

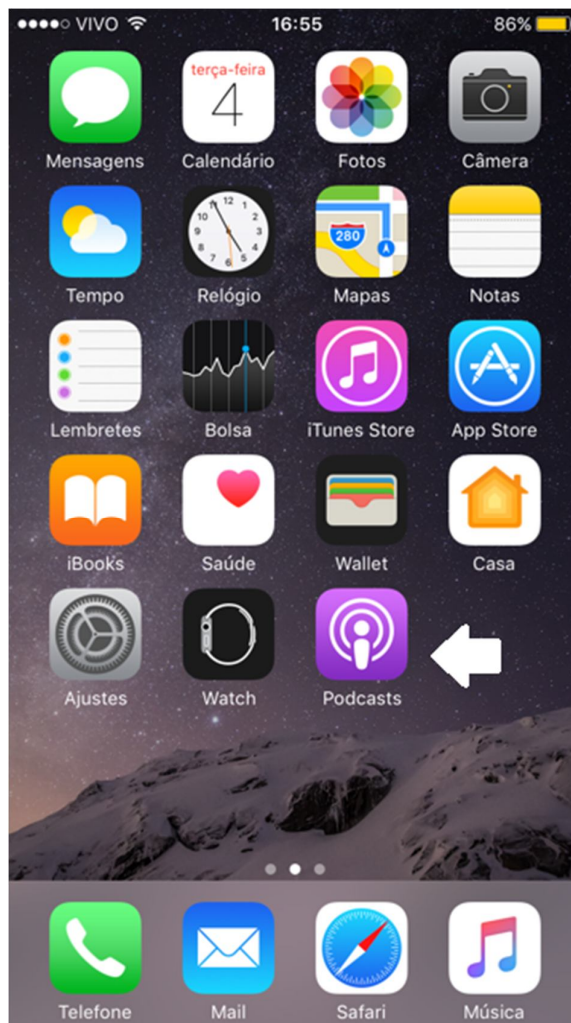


Fonte: BBC UK (© 2017 BBC)

A Apple, empresa que inspirou a criação do *podcast*, disponibiliza no seu sistema iOS um aplicativo específico de programas de *podcasts*. Nos celulares da

marca é possível encontrar esse aplicativo como parte de uma das funcionalidades do aparelho.

Figura 4- Printscren do Menu de Celular



Fonte: Produzida pela autora.

Nele pode-se encontrar programas de diversos lugares do mundo, baixar ou escutar *on-line*. Em relação ao público-alvo, os programas encontrados são estrangeiros e trazem como assunto histórias infantis.

Em ambos os exemplos, tanto o site da BBC UK quanto o aplicativo da *Apple*, os programas falam diretamente com a criança, alguns utilizam a própria criança para atuar como personagem. O comum entre eles é em relação à



linguagem, que é simples e dinâmica, apropriada para esse tipo de público, sendo uma das características e identidade desse formato.

### 3.2 LINGUAGEM RADIOFÔNICA

Embora formatado e disponibilizado de maneira diversa à de uma emissora de antena, o *podcast* tem em comum o uso da linguagem radiofônica, que pode ser entendida como “conjunto de elementos sonoros que se difundem para produzir estímulos sensoriais estéticos ou intelectuais; ou para criar imagens”. (CABELO, 1999, p. 16-17).

Compreender a linguagem radiofônica é fator importante a este trabalho, tendo em vista que busca estudar a melhor forma de se comunicar com as crianças por meio de conteúdo em áudio, ou seja, baseado em signos sonoros. Segundo Ferraretto (2014), a linguagem radiofônica engloba o uso da voz, da música (trilha sonora), efeitos sonoros, silêncio.

A voz é que carrega grande parte do conteúdo da mensagem. A sua expressividade não se limita ao sentido em si do vocábulo, mas pode ganhar força quando associada a outras manifestações da voz, como, por exemplo, o choro, o riso, o grito. De acordo com Martínez-Costa e Díez Unzueta (2005 apud FERRARETTO, 2014, p.32), a palavra na linguagem radiofônica assume diversas funções e finalidades, dentre elas a enunciativa, fornecendo dados sem nenhuma conotação; programática, assumindo a construção da continuidade narrativa; descritiva, que detalha cenários, personagens, cria imagens sonoras; narrativa, apresentando uma ação no tempo e espaço; expressiva, indica estados de ânimos, e a argumentativa, usada na defesa de opiniões ou ideias, estabelecendo assim, raciocínio ou polemizando. É importante destacar que características da voz, como a altura, a intensidade, o timbre, são importantes na hora de transmitir o conteúdo.

A música, por sua vez, pode ser o conteúdo da programação, e também usada como linguagem, integrando-se à mensagem a ser transmitida, pois é capaz de criar ou sugerir climas, servindo à cenografia do que se deseja retratar. Neste caso, pode servir como reforço ou complemento do conteúdo.

Já os efeitos sonoros são usados para a construção de imagens sensoriais. Como o rádio é definido como um “meio cego”, a utilização desses efeitos

contribuem para o entendimento da mensagem. Para Silva (1999), os efeitos sonoros alimentam a imaginação do ouvinte, como uma forma de diminuir a monotonia gerada pelo uso de apenas um dos sentidos, complementando a transmissão dos conteúdos ao agregar-lhes sentido.

O silêncio também integra a construção radiofônica. Cida Golin (2010 apud FERRARETTO, 2014, p.34) define o silêncio como elemento intrínseco à linguagem verbal, pois potencializa a dramaticidade e a polissemia da mensagem radiofônica, servindo como elemento de distância e reflexão. Ou seja, o silêncio pode adquirir significados quando contextualizado dentro de uma estrutura sintática, realçando a importância da continuidade sonora ou atuando como um signo, por exemplo, representando um mistério, uma dúvida, a morte, a expectativa. Para tanto, é necessário que esteja contextualizado para que não seja identificado como uma falha. (SILVA, 1999).

Ao analisar esses elementos sonoros, percebe-se que falar no rádio envolve características fundamentais para transmitir a mensagem de forma que grande parte dos ouvintes seja capaz de entender e captar a mensagem.

Pela abrangência do veículo e pelas características do rádio, o discurso radiofônico deve ser o mais claro, preciso e conciso dos discursos jornalísticos, usando, com o máximo de propriedade, o repertório do seu público-alvo. (FERRARETTO, 2001, p.34).

Desta forma, assim como no rádio, a linguagem para as crianças, público-alvo deste trabalho, deverá ser clara, permitindo que a mensagem seja de fácil assimilação; precisa, transmitindo o conteúdo com o máximo de exatidão possível, e concisa, evitando o discurso desnecessário, por meio de dosagem adequada de qualidade da informação com quantidade de texto.

Muito do que difere o *podcast* do rádio é em relação ao uso feito da linguagem radiofônica. No *podcast*, é muito característico dos programas o emissor transmitir os conteúdos por meio de uma conversa, um bate-papo contínuo, sem muitos cortes. São usados alguns efeitos de sonoplastia, como, por exemplo, vinheta, trilha sonora, efeitos sonoros. Há uma dinamicidade e informalidade muito maior do que no rádio.

Porém, é importante analisar se essas características também poderiam ser aplicadas para o *podcast* infantil. Ao escutar, no decorrer do mês de Abril de 2017, os programas estrangeiros, dentre eles: The golden spoon (Apple), Goodwin the

goat (Apple), Rhythm (BBC UK), CBeebies Radio (BBC UK)<sup>5</sup> e entre outros, são programas voltados para as crianças e pode-se notar que o conteúdo é conversado, entretanto, segue-se um roteiro já pronto, diferentemente dos programas adultos, que utilizam o roteiro como material de apoio.

O locutor do público infantil apresenta o assunto de forma dinâmica, como se estivesse conversando com o ouvinte. Foi possível notar também que, em alguns programas, há a inserção da fala de crianças e de profissionais a respeito de cada assunto, aproximando o emissor do receptor.

Desta forma, avaliou-se como pertinente que seria adequado produzir um *podcast* que conseguisse reproduzir essas características básicas do formato, de maneira que o conteúdo fosse transmitido de forma clara, precisa e concisa. A ilustração dos temas deveria ser realizada de forma dinâmica, utilizando efeitos de sonoplastia e com personagens mirins e profissionais da área de cada tema.

---

<sup>5</sup> Alguns programas da BBC UK que foram ouvidos já não estão mais disponíveis pois são sempre atualizados mensalmente.

## 4 INTERNET E A CRIANÇA

Vive-se em uma era tecnológica. A tecnologia avança todos os dias e os seus recursos influenciam cada vez mais no dia a dia do homem. O indivíduo faz parte de uma sociedade da informação, em que a informação e o conhecimento são variáveis centrais da economia. As noções de tempo e de espaço são reformuladas, impõe-se a ditadura da velocidade, mas, ao mesmo tempo, os avanços tecnológicos permitem a conexão entre pessoas, culturas, territórios e realidades, criam-se novas formas de acessar e gerar conhecimento. É uma sociedade em rede, na qual, a sociabilidade no ciberespaço influencia nas interações do homem com o mundo. (MARCONDES, 2010).

Aqueles que nasceram e cresceram imersos nessas tecnologias são chamados de nativos digitais. O termo, cunhado por Marc Prensky (2001), reflete muito da nossa sociedade, marcada pelo uso de *smarthphones*, *tablets*, computadores, videogames e outras ferramentas da era digital.

Os alunos de hoje – do maternal à faculdade – representam as primeiras gerações que cresceram com esta nova tecnologia. [...] Agora fica claro que como resultado deste ambiente onipresente e o grande volume de interação com a tecnologia, os alunos de hoje pensam e processam as informações bem diferentes das gerações anteriores. [...] Nossos estudantes de hoje são todos “falantes nativos” da linguagem digital dos computadores, videogames e internet. (PRENSKY, 2001, p.1).

As crianças, diferentemente dos seus pais, denominados como imigrantes digitais pela necessidade de se adaptarem às tecnologias com os decorrer dos anos, não precisaram se adaptar ao mundo digital, que naturalmente já faz parte do dia a dia de cada uma, sendo intrínseco à sua criação.

Eles são capazes de ver TV, ouvir música, teclar no celular e usar o notebook, tudo ao mesmo tempo. Ou seja, são multitarefas. Adoram experimentar novos aplicativos, têm facilidade com blogs e lidar com múltiplos links, pulando de site em site, sem se perder. Interagem mais uns com os outros; "acessam-se" mutuamente para depois se conhecer pessoalmente. (MONTEIRO, c2016-2017).

Compreende-se também esse grupo como geração *Net*. Don Tapscott, estudioso dessa definição, entende que esses indivíduos amadureceram e, por

terem crescido em um ambiente digital, houve impacto no seu modo de pensar e de agir.

Crianças usam o computador para atividades que parecem caminhar lado a lado com nossa compreensão do que seja uma infância tradicional. Elas usam a tecnologia para brincar, aprender, comunicar-se e formar relacionamento, como sempre o fizeram. [...] quando controlam seu meio, em vez de observá-lo passivamente, as crianças se desenvolvem mais rapidamente. (TAPSCOTT, 1999, p.7).

Os nativos digitais são resultado de gerações anteriores, a geração *baby boom* (1946-1964) e a geração *X - baby bust* (1965-1976).

Pode-se dizer que o impacto da revolução nas comunicações, liderada pela ascensão da televisão, foi o que moldou a geração *baby boom*. A televisão transformou o mundo dos *baby boomers*, “[...] criou um mundo alternativo em tempo real. Também começou a consumir uma parte significativa do dia da maioria das pessoas” (TAPSCOTT, 2010, p.24). A geração seguinte, conhecida como *baby bust*, é composta por comunicadores que são extremamente centrados na mídia, cujos hábitos de uso de computadores e da internet são semelhantes aos da geração internet, um outro tipo de geração que marca a nossa sociedade atual.

A geração internet foi a primeira imersa em bits. Nos últimos vinte anos é nítido que a mudança mais significativa foi a ascensão do computador, da internet e de outras tecnologias digitais.

Enquanto as crianças da geração internet assimilaram a tecnologia porque cresceram com ela, nós, como adultos, tivemos de nos adaptar a ela - um tipo diferente e muito mais difícil de processo de aprendizado. Com a assimilação, as crianças passaram a ver a tecnologia simplesmente como uma parte do seu ambiente e a absorveram como todas as outras coisas. (TAPSCOTT, 2010, p.30).

Essa tecnologia, presente no cotidiano na maioria das crianças, resulta em atividades que podem contribuir para a potencialidade dos programas de *podcast*. Segundo a pesquisa CETIC (2016) “TicKids” Online Brasil, ouvir música on-line e baixar aplicativos estão entre as atividades mais praticadas pelas crianças, correspondendo a 59% público feminino e 62% público masculino, para ouvir música on-line e 68% público feminino e 80% público masculino para baixar aplicativos. Ou seja, são números que contribuem no potencial do *podcast* como um produto para

crianças, uma vez que o *podcast* utiliza a audição e pode ser facilmente baixado e escutado em diversos lugares.

Essas tecnologias e avanços acabam por suscitar o desenvolvimento infantil. Desta forma, o reconhecimento do ambiente e todas as suas funcionalidades levam a criança a desenvolver seus pensamentos e ações. Jean Piaget, psicólogo e um dos principais autores dessa temática, divide o desenvolvimento humano em quatro períodos, de acordo com o aparecimento de novas qualidades do pensamento. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999).

O primeiro período é o Sensório-motor (0 a 2 anos), em que a criança conhece e conquista o universo à sua volta por meio da percepção e dos movimentos. A inteligência aparece como uma prática, que se refere à manipulação dos objetos.

[...] o bebê não se contenta mais apenas em reproduzir os movimentos e gestos que conduziram a um efeito interessante, mas os varia intencionalmente para estudar os resultados destas variações, entregando-se a verdadeiras explorações ou “experiências para ver”. (PIAGET, 1968, p.18).

Ou seja, por exemplo, pegar uma vareta para puxar algum objeto distante é um ato de inteligência. Ou, ao puxar a ponta da toalha, a criança percebe que o pote de bolacha ficará mais perto dela.

Já no segundo período, denominado como Pré-operatório (2 a 7 anos), há o aparecimento da linguagem e, como consequência, o início da socialização entre os indivíduos. Grande parte do repertório verbal da criança é usada de forma imitativa e, por ela ainda estar centrada em si mesma, o trabalho em grupo é dificultado. Essa dificuldade se mantém durante todo o período, visto que a criança não consegue se colocar no ponto de vista do outro.

Aproximadamente até os sete anos, as crianças não sabem discutir entre elas e se limitam a apresentar suas afirmações contrárias. Quando se procura dar explicações, umas às outras, conseguem com dificuldade se colocar do ponto de vista daquela que ignora do que se trata, falando como que para si mesmas. E, sobretudo acontece-lhes, trabalhando em um mesmo quarto ou em uma mesma mesa, de falar cada uma por si, acreditando que se escutam e se compreendem uma às outras. (PIAGET, 1968, p.26).

Sendo assim, esse tipo de “monólogo coletivo” representa mais a excitação à ação do que a troca de pensamentos reais. Por exemplo, em um jogo de bolinhas de gude, os grandes irão se submeter às mesmas regras e vão ajustar seus jogos individuais aos dos outros, enquanto que os menores jogam cada um por si, sem se envolver com as regras do companheiro.

O terceiro período, o de Operações concretas (7 a 11 ou 12 anos), coincide com o começo da escolaridade propriamente dita. É nele que a criança passa a estabelecer relações e organizar pontos de vista diferente.

Do ponto de vista das relações interindividuais, a criança, depois dos sete anos, torna-se capaz de cooperar, porque não confunde mais seu próprio ponto de vista com o dos outros, dissociando-os mesmo para coordená-los. Isto é visível na linguagem entre crianças. As discussões tornam-se possíveis, porque comportam compreensão a respeito dos pontos de vista do adversário e procura de justificações ou provas para a afirmação própria. (PIAGET, 1968, p.43).

É no terceiro período que a criança começa a pensar antes de agir, resultando na conquista da reflexão. Ela vai libertando-se, aos poucos, de seu egocentrismo social e intelectual, tornando-se capaz de novas coordenações, resultando no início da construção lógica. E por elas já terem discernimento para compartilhar opiniões e reflexões, que o estudo de recepção, uma das etapas deste trabalho, será realizado com indivíduos de 7 a 10 anos, permitindo analisar melhor as potencialidades do produto proposto.

Já no quarto período, chamado de Operações formais (11 ou 12 anos em diante), o pensamento formal torna-se possível. Ou seja, as operações acontecem no plano das ideias, sem necessitar de manipulação ou referências concretas, como no período anterior. É durante esse período que a personalidade é criada.

A criança pequena traz tudo para si, sem o saber, sentindo-se inferior ao adulto e aos mais velhos que imita. Ela se proporciona uma espécie de mundo à parte, em escala abaixo da do mundo dos grandes. O adolescente, ao contrário, graças à sua personalidade em formação, coloca-se em igualdade com seus mais velhos, mas sentindo-se outro, diferente deles, pela vida nova que o agita. E então quer ultrapassá-los e espantá-los, transformando o mundo. (PIAGET, 1968, p.66).

E é por isso que os planos de vida dos adolescentes são ao mesmo tempo altruístas, cheios de sentimentos e de inquietude, egocentrismo consciente. Nos primeiros períodos da adolescência, sua vida parece, muitas vezes, antissocial. Fato que decorre do desejo de reformar o lugar onde vive, pois há certo desprezo ou desinteresse pela sociedade real. A adaptação à sociedade aparece quando o adolescente passa de reformador transformando-se em realizador.

Muitas teorias surgiram em relação ao desenvolvimento e aprendizagem na criança. Convém falar, mais especificamente, de três tipos de soluções propostas. A primeira, parte do pressuposto de que a aprendizagem é um processo exclusivamente exterior, em certa medida, paralelo ao desenvolvimento da criança. Um exemplo dessa teoria é a concepção de Piaget que estuda o desenvolvimento do pensamento da criança de forma independente ao processo de aprendizagem.

A segunda solução, contrário à primeira, tem como crença que a aprendizagem é desenvolvimento. (VYGOTSKY, 1991).

Os adeptos da primeira teoria afirmam que o curso de desenvolvimento precede o da aprendizagem, que a maturação precede a aprendizagem, que o processo educativo pode apenas limitar-se a seguir a formação mental. A segunda teoria considera, em contrapartida, que existe um desenvolvimento paralelo de dois processos, de modo que a cada etapa da aprendizagem corresponda uma etapa do desenvolvimento. (VYGOTSKY, 1991, p.3).

Vygotsky entende, portanto, que tais teorias indicam que o desenvolvimento e aprendizagem sobrepõem-se constantemente.

A terceira solução é aquela que tenta conciliar os dois primeiros pontos de vista, de forma que eles coexistam.

Por um lado, o processo de desenvolvimento está concebido como um processo independente do de aprendizagem, mas por outro lado esta mesma aprendizagem - no decurso da qual a criança adquire toda uma nova série de formas de comportamento - considera-se coincidente com o desenvolvimento. (VYGOTSKY, 1991, p.4).

Essa solução implica em uma teoria dualista, tendo como exemplo o psicólogo Koffka, citado por Vygotsky (op. cit.), que entende que o desenvolvimento mental da criança se caracteriza por dois processos, que, mesmo conexos, são de natureza diferente e se condicionam de forma recíproca.



Todavia, as teorias de Piaget são as que interessam no desenvolvimento deste trabalho e que são ponto de partida para que o teórico Vygotsky aborde uma outra perspectiva de desenvolvimento da criança que muito se assemelha à proposta dos programas de *podcast*.

Vygotsky enxerga a criança como um ser pensante e avalia que seu desenvolvimento está diretamente ligado no envolvimento da interação entre sujeitos. Para ele, aprendizagem e conhecimento estão ligados entre si desde os primeiros dias de vida e não se dão especificamente na idade escolar.

[...] a aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar. A aprendizagem escolar nunca parte do zero. Toda aprendizagem da criança na escola tem uma pré-história. Por exemplo, a criança começa a estudar aritmética, mas já muito antes de ir à escola adquiriu determinada experiência referente à quantidade, encontrou já várias operações de divisão e adição, complexas e simples [...]. (VYGOTSKY, 1991, p.8).

Desta forma, a criança possui uma pré-história e é com base nela que ela vai se relacionar e se desenvolver. Sendo importante que o indivíduo participe de ambientes e práticas que propiciem essa aprendizagem e, desta forma, influenciem no seu desenvolvimento. “Todavia, quando a criança, com as suas perguntas, consegue apoderar-se dos nomes que a rodeiam, já está inserida numa etapa específica de aprendizagem.” (VYGOTSKY, 1991, p.10).

Muitos partem de que a educação formal é fundamental para a evolução da criança e, para Vygotsky, não necessariamente se precise da educação escolar, na medida em que, de certa forma, ela tem um caráter castrador. Quando, na verdade, o que se tem que estimular é esse ponto de vista de questionamento da criança, algo já intrínseco a ela, sustenta o teórico. Ele entende que a criança tem uma capacidade muito maior do que se presume.

Tendo tais perspectivas em vista, o *podcast* irá atuar nesse campo da aprendizagem e conhecimento e, para tal, tanto Piaget quanto Vygotsky serão importantes para embasar a criação dos programas, de forma que a escolha da idade do público-alvo veio por meio da análise das fases de Piaget, mas, não esquecendo, que para Vygotsky a criança já possui o potencial de desenvolvimento e o *podcast* servirá como um estimulador desse potencial, tornando-o ativo, de

forma que a criança por si só ganhe independência e que ela mesma fomente sua opinião.

Por meio dos estudos desses autores, é possível notar que a escolha da faixa etária do público alvo, para realizar os estudos de recepção, está de acordo com a proposta dos programas de *podcast*, que é servir de reflexão e debate construtivo entre as crianças. Estas, que já nasceram imersas nas tecnologias e fazem uso da mesma.

## 5 **PODCAST E EDUCAÇÃO**

Uma das premissas da criação dos programas de *podcast* deste trabalho envolve trabalhar a educação e levar informação sobre direitos humanos para as crianças. Sob este objetivo e com base em estudos e escuta de outros programas, foi desenvolvido um programa-piloto para a realização de estudo de recepção.

A escolha em produzir apenas um roteiro, a princípio, veio pela possibilidade de analisar as primeiras impressões do público-alvo e, assim, fazer as mudanças necessárias para os programas seguintes, facilitando o desenvolvimento dos próximos roteiros e ajustando-o ao perfil de ouvinte.

Para o programa 1, escolheu-se o tema acessibilidade, uma temática já desenvolvida em uma reportagem elaborada na disciplina de Laboratório de Jornalismo Radiofônico II, no primeiro semestre de 2016, e cujo resultado determinou a elaboração deste projeto.

Parte do conteúdo dessa reportagem, como dados e sonoras com três fontes, foi adaptada para o *podcast*, tendo em vista a qualidade informativa do material anteriormente apurado.

A despeito disso, a produção foi desafiadora. Uma das maiores dificuldades em produzir o programa para as crianças se deu pela ausência de conteúdos semelhantes aqui no Brasil. O *podcast* é muito conhecido nos Estados Unidos e na Europa, porém, nos programas direcionados para as crianças, percebeu-se que muito do conteúdo é voltado mais para histórias infantis, o que diferia da proposta ora aqui apresentada.

Em relação ao *podcast* produzido, notou-se ser necessário utilizar uma linguagem simples e dinâmica, possibilitando a interação entre o ouvinte e o emissor. Os programas de *podcast* normalmente não utilizam roteiro - servem apenas como base para o improviso - nem efeitos, mas, pensando no público-alvo, avaliou-se que o roteiro era importante, assim como a inserção dos efeitos de sonoplastia em meio às falas, para garantir a construção de informação coerente, com começo, meio e fim, e enfatizar momentos específicos e determinantes para a compreensão do assunto.

Entre os efeitos, cuja função na linguagem radiofônica é ilustrar informações sonoras, dando 'pistas' visuais ao ouvinte, foram usados dois tipos, de acordo com Ferraretto (2010), são eles: o abstratos e os reais. Como exemplo dos efeitos reais,

foram utilizados os sons da máquina braille e também da bola com guizo, objetos que estavam presentes no dia da gravação e possibilitaram autenticidade ao texto, além de tambores e palmas, ilustrações sonoras extraídos do arquivo do Laboratório de Rádio da Universidade do Sagrado Coração. Como exemplo dos efeitos abstratos, os sons de um tombo e de uma freada para ilustrar, entre outros efeitos onomatopaicos e de ilustração. Uma trilha sonora foi colocada como *background* (“trilha de fundo”) durante toda a locução, imprimindo dinamismo ao produto, tendo em vista que a música tem função fática, isto é, reforça e complementa conteúdos abordados por meio de outros signos, como o verbal. Para criar uma identidade sonora ao programa, foi produzida uma vinheta, que será usada tanto na introdução quanto na finalização. A vinheta contém o nome do programa, o Podcriança, e é acompanhada por uma música que tem caráter divertido e que condiz com o público-alvo.

O tema foi explicado de forma simples, breve, e que de alguma forma instigasse a reflexão da criança. Para ilustrar o assunto, optou-se por manter a sonora de uma profissional do campo, utilizada na reportagem original, para informar de forma didática o tema. Além disso, para aproximar e cativar o ouvinte, crianças foram entrevistadas para dar vida ao que estava sendo abordado, a fim de favorecer a identificação do público-alvo com o assunto relatado.

A locução foi feita pela própria pesquisadora e demandou atenção em relação ao tom da voz e em como abordá-la, de forma a enfatizar de forma adequada o conteúdo abordado e, assim, cativar e manter o ouvinte mirim. Isto porque, para Ferraretto (2010, p.79), “a forma como se fala atribui significado ao texto”. Desta forma optou-se por utilizar uma locução mais dinâmica e informal, mas respeitando o conteúdo e a mensagem transmitidos.

A edição, realizada no Laboratório de Rádio da Universidade do Sagrado Coração, sob o auxílio do técnico Leandro Cayres Zacarim, resultou em um programa-piloto de 6 minutos e 14 segundos de duração.

Para analisar as potencialidades do produto perante o público alvo, foi realizado estudo de recepção no colégio São Francisco de Assis, lócus da pesquisa, na cidade de Bauru, onde a pesquisadora reside, em dois dias, o que será detalhado no item a seguir.

## 5.1 ESTUDO DE RECEPÇÃO

Antes de realizar o estudo de recepção, o projeto foi levado para uma escola a fim de se obter a autorização da direção para a futura pesquisa. Após a autorização, todo o projeto foi enviado para o Comitê de Ética da Universidade para análise. A autorização para realização do estudo foi emitida em 25 de abril de 2017, sob parecer de número 2.031.218.

Sob a chancela do conselho, foram coletadas autorizações dos pais das crianças das turmas do 2º, 3º, 4º e 5º ano. No total, foram 40 assinaturas, das quais 27 alunos foram chamados para a pesquisa. Sendo seis crianças do 2º ano, dez crianças do 3º ano, seis crianças do 4º ano e cinco crianças do 5º ano. Realizados os procedimentos básicos, os dias para o estudo de recepção foram marcados.

No dia 17 de maio de 2017, às 8:00h da manhã, foi realizado o primeiro grupo focal, com crianças de 7 e 8 anos. Com as autorizações assinadas pelos pais, os alunos do segundo e terceiro ano foram chamados e encaminhados pela auxiliar Duany Alba até a sala de informática, local onde a audição do *podcast* seria feita.

O programa-piloto foi instalado nos computadores, bem como fones de ouvido, que foram distribuídos para que cada criança pudesse escutar sozinha o produto, de forma a proporcionar uma escuta de atenção, que “supõe um aumento no volume de som no aparelho receptor, superando os sons do ambiente e permitindo a concentração do ouvinte na mensagem radiofônica”. (FERRARETTO, 2010, p.36).

Para favorecer a dinâmica do grupo focal e proporcionar melhor identificação entre a pesquisadora e os alunos, foram produzidos crachás com o nome de cada participante. De forma breve, uma explicação da visita foi feita e logo em seguida foi orientado aos participantes que colocassem os fones para que o áudio fosse escutado.

Durante a audição do programa pode-se perceber que a maioria das crianças conseguiu focar a atenção ao que estava sendo escutado, transparecendo em alguns momentos reações faciais positivas, muito provavelmente ocasionadas pelos efeitos sonoros. Outras, em certos momentos, viravam para o lado para comentar sobre o conteúdo com o colega ao lado. Mas, em geral, a sala conseguiu prestar a atenção e foi notável o entusiasmo com a audição.

Após todos os participantes escutarem o programa de *podcast*, pediu-se para que uma roda na frente da sala fosse feita, de forma a realizar um bate-papo e assim aplicar as perguntas selecionadas.

O roteiro continha 12 questões, e serviu como guia para o desenvolvimento do grupo focal. Todo o estudo foi gravado por uma câmera e por um gravador e celular, mas, respeitando o Estatuto da Criança e do Adolescente, que protege todos os brasileiros com menos de 18 anos, essas imagens não serão divulgadas, sendo utilizadas apenas para fins de atribuição da autoria das falas.

O estudo de recepção durou em torno de uma hora e, por ter sido a primeira experiência com um grupo focal, a dinâmica não foi tão precisa quanto no segundo dia. Algumas crianças não falaram e, por não haver uma ordem para que cada aluno respondesse, dificultou no momento da transcrição, porém nada que influenciasse de forma negativa no resultado do conteúdo.

O segundo dia de estudo de recepção foi realizado no dia 24 de maio de 2017, às 8:00h da manhã, desta vez com crianças de 9 e 10 anos. E, novamente, com as autorizações em mãos, os alunos foram chamados e encaminhados pela auxiliar Duany Alba até a sala de informática.

Por ser uma turma com alunos mais velhos que a turma anterior, foi perceptível um comportamento mais maduro e calmo, mas ainda assim animado e com um olhar curioso para saber o que iriam escutar. Durante a audição, assim como no primeiro dia de estudo, as crianças conseguiram prestar atenção, tendo uma vez ou outra alguns alunos mais dispersos. Por já ter tido um primeiro contato com a pesquisa anterior, o segundo estudo de recepção foi realizado de forma mais organizada e eficiente. Desta vez, manteve-se uma ordem para que as crianças falassem, o que facilitou no momento da edição, além da inserção de mais três perguntas. Como um todo, foi nítido que os alunos conseguiram se manter atentos ao longo da audição, demonstrando ter entendido e absorvido o conteúdo.

Depois disso, as duas gravações foram transcritas, gerando um conteúdo literal. Para melhor análise dos resultados obtidos nessa pesquisa, cada pergunta foi auxiliada por uma tabela contendo as respostas das crianças, que serão apresentadas a seguir.

Na Tabela 1 encontram-se as respostas sobre a opinião das crianças em relação ao *podcast* escutado.

Tabela 1 – O que vocês acharam do programa que escutaram?

1º Dia

<b>Sujeito</b>	<b>Resposta</b>
A 1	“Legal!”.
A 2	“Legal!”.
A 3	“Informativo”.
A 4	“Muito informativo”.
A 5	“Muito informativo”.
A 6	“Muito informativo”.
A 7	“Legal e importante”
A 8	“Nota mil!”.
A 9	“Nota 10!”.
A 10	“Muito legal e importante”.
A 11	“Legal, importante e informativo”.
A 12	“Estranho”.
A 13	“Eu achei interessante”.
A 14	“Legal e divertido”.
A 15	“Bem divertido e muito informativo”.
A 16	“Nota 100”.

---

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

2º Dia

<b>Sujeito</b>	<b>Resposta</b>
A 1	“Que é, que. Falava sobre os deficientes”.
A 2	“É, eu achei interessante porque fala da importância dos deficientes serem tratados igual pessoas normais”.

A 3	““Eu achei legal falando que as escolas precisam ter as preparação para os deficientes, precisam ser respeitados e que eles são iguais a gente”.
A 4	“Eu achei interessante porque falava que, achavam que eles deviam tratar os deficientes igual pessoas normais e também falava dos aparelhos que os deficientes usam”.
A 5	“Importante, porque fala dos deficientes e a importância que tem com eles”.
A 6	“Eu achei legal porque fala sobre os deficientes, pra ajudar eles”.
A 7	“Eu achei correto porque os deficientes tem suas coisas e a gente tem que ter as nossas coisas e eles também tem direito de ter as deles”.
A 8	“Eu achei interessante porque os alunos querem respeitar os que tem deficiência”.
A 9	“Eu achei importante porque tem muita falta de coisas pros deficientes, porque eles são que nem a gente”. (problema no áudio)
A 10	“Eu achei bem interessante, divertido, é, eu achei que as pessoas com deficiência devem ser tratadas que nem a gente, né?”
A 11	“Porque, eu achei interessante porque mesmo as pessoas com deficiência elas vão à escola, elas são tratadas todas igual com a gente, não importa se é negro ou branco, todas são igual”.

---

Fonte: tabela elaborada pela pesquisadora.

As respostas apresentadas na Tabela 1 indicam que a maioria dos alunos aprovou o que escutou, tanto no primeiro quanto no segundo dia de estudo. Todos tiveram uma boa primeira impressão do programa escutado e com os alunos mais velhos as respostas foram mais completas e com argumentos. O resultado evidencia a aprovação dos alunos ao programa, registrando apenas uma criança que avaliou o *podcast* como “estranho”.

A Tabela 2 traz as respostas sobre o que as crianças mais gostaram no programa.

Tabela 2- Qual parte vocês mais gostaram e por quê?

1º Dia

Sujeito	Resposta
A 1	“Tá falando da gente que ‘estão’ com problema”.



- A 3 “Eu gostei da importância de formar coisas para os cadeirantes”.
- A 5 “Eu gostei da parte que a menina quer ser professora, a Nicole Santos”.
- A 6 “É, a parte que o menino lá, esqueci o nome dele, falou que tem que respeitar as pessoas que tem deficiência”.
- A 7 “O que eu achei legal? Tudo”.
- A 8 “A parte que quando ela fala para paraparapara!”.
- A 2 “A parte que fala da Nicole”.
- A 11 “Ah, na hora que ele fala que é importante”.
- A 9 “Na parte que fizeram aqueles objetos para os deficientes”.
- A 4 “Achei importante bastante tudo”.
- A 10 “Da parte que a menina falou, porque eu senti que não é só porque eles têm problema que eles têm que ter preconceitos, que eles não tem preconceito”.
- A 11 “É bem empolgante da parte dela. Ela feliz, mesmo sendo cega”.

---

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

## 2º Dia

<b>Sujeito</b>	<b>Resposta</b>
A 1	“A parte que o menino de 13 anos falou que os deficientes tem que ser cuidados como nós”.
A 2	“A parte que falava sobre os aparelhos que os deficientes usavam”.
A 3	“Eu gostei da parte que tem uma criança lá, que era cega e ela levava uma vida normal. Provando que todo mundo é igual, todo mundo”.
A 4	“Eu achei interessante quando falou sobre os aparelhos que eles usam pra fazer esportes, pra estudar, essas coisas”.
A 5	“Eu achei interessante porque é, tem pouca rampa pra deficientes”.
A 6	“Eu achei legal porque fala de uma parte que a menina fala que ela ser quando ela crescer”.
A 7	“Que os deficientes tem os seus direitos de ir na escola, não podem ficar só fora de casa, mas na escola também”.

A 8	“Eu achei interessante a parte que o aluno falou que quer ajudar, as pessoas”.
A 9	“Também achei interessante essa parte, também achei a parte que o menino falou, de 13 anos”.
A 10	“Eu achei interessante a hora que a menininha cega falou que ela pratica esportes, que ela quer ser professora. Eu gostei muito dessa parte”.
A 11	“Eu achei também legal essa parte, porque mesmo que ela tem deficiência ela consegue ser alguma coisa quando ela crescer. E ela não importa qual a deficiência dela”.

---

Fonte: tabela elaborada pela pesquisadora.

Pode-se perceber na Tabela 2 que a parte de que os alunos mais gostaram envolve a participação das crianças entrevistadas e também o uso dos efeitos sonoros (inseridos no momento de explicação dos aparelhos e objetos voltados à acessibilidade), o que fortalece as potencialidades do produto.

A Tabela 3 aborda o tema acessibilidade e se o público-alvo já ouviu falar sobre esse tema.

Tabela 3 - Vocês já ouviram falar sobre acessibilidade? E se já ouviram, aonde vocês ouviram?

#### 1ºDia

<b>Sujeito</b>	<b>Resposta</b>
A 1	“Eu já, em um livro”.
A 3	“Eu vi em uma entrevista de TV”.
A 2	“Eu não”.
A 6	“Não!”.
A 14	“Eu nem sabia que existia esse tema”.
A 13	“Eu também não”.
A 12	“Eu também não”.

\*Nem todas as crianças responderam a questão.

---

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

2º Dia

<b>Sujeito</b>	<b>Resposta</b>
A 1	“Não”.
A 2	“Não”.
A 3	“Não”.
A 4	“Não”.
A 5	“Não”.
A 6	“Não”.
A 7	“Não”.
A 8	“Não”.
A 9	“Não”.
A 10	“Não”.
A 11	“Não”.

---

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

No primeiro dia de estudo, apesar de nem todos levantarem as mãos para opinarem, quando a pergunta foi feita, todos responderam em coro que nunca tinham ouvido falar sobre o tema, apenas dois alunos disseram já conhecer o assunto. Já no segundo dia, nenhum aluno conhecia o tema. Isto reforça ainda mais, de acordo com os resultados apresentados na Tabela 3, a importância de levar temáticas como essa para as crianças.

Na Tabela 4 procura-se saber se o público-alvo conseguiu prestar atenção.

Tabela 4- Vocês conseguiram prestar atenção?

1º Dia

<b>Sujeito</b>	<b>Resposta</b>
A 3	“Sim!”.

A 2	“Sim!”.
A 8	“Sim!”.
A 9	“Sim!”.
A 11	“Eu prestei”.
A 7	“Eu prestei atenção em tudo, na verdade, eu gostei de tudo!”.
A 5	“Eu acho que eu prestei mais atenção na Nicole lá, sabe?”.
A13	“É, eu também!”.
A 16	“Eu também!”.

\*Nem todas as crianças responderam a questão.

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

## 2º Dia

<b>Sujeito</b>	<b>Resposta</b>
A 1	“Sim”.
A 2	“Sim”.
A 3	“Consegui”.
A 4	“Consegui”.
A 5	“Consegui”.
A 6	“Consegui”.
A 7	“Sim”.
A 8	“Sim”.
A 9	“Sim”.
A 10	“Sim. Mais ou menos. No começo eu comecei prestando atenção de repente eu concentrei em outra coisa, daí eu concentrei em outra e daí eu voltei a prestar atenção”.
A 11	“Porque, eu achei interessante porque mesmo as pessoas com deficiência elas vão à escola, elas são tratadas todas igual com a gente, não importa se é negro ou branco, todas são igual”.

A 3 “Eu não entendi a parte que o menino falou, ele fala muito rápido”.

---

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

Assim como na pergunta anterior, no primeiro dia nem todos responderam o questionamento, comportamento observado até o fim da realização do estudo. Mas, ao se fazer a pergunta, foi possível notar que aqueles que não responderam balançaram a cabeça em sinal de aprovação. O que se estendeu no segundo dia, na qual, as crianças, demonstraram ter conseguido se concentrar no conteúdo ouvido.

A Tabela 5 é um complemento da pergunta anterior e, busca identificar se houve algum momento em que as crianças não prestaram atenção.

Tabela 5 – Em que momento vocês não prestaram atenção e por quê?

### 2º Dia

<b>Sujeito</b>	<b>Resposta</b>
A 7	“Nenhum (risadas). Não, eu prestei sim”.
A 5	“Eu não lembro em qual parte que o meu fone tinha caído”.
A 9	“Eu não prestei atenção no meio. Do nada o meu computador voltou tudo o áudio”.
A 11	“Eu não prestei muita atenção no começo”.
A 12	“Eu prestei atenção”.

\*Nem todas as crianças responderam a questão.

---

Fonte: tabela elaborada pela pesquisadora.

A pergunta da Tabela 5 foi inserida apenas no segundo dia do estudo de recepção e algumas responderem ter dispersado a atenção no meio do programa, já outro ouvinte no começo, o que é natural, uma vez que foi o primeiro contato da grande maioria com o *podcast* e, que de certa forma, despertava uma agitação.

Na Tabela 6 encontram-se as respostas sobre o que os alunos haviam entendido sobre o programa escutado.

Tabela 6 - O que vocês entenderam do programa escutado?

1º Dia

<b>Sujeito</b>	<b>Resposta</b>
A 6	“Que, assim, não deve julgar as pessoas só porque elas têm uma deficiência”.
A 7	“Porque depois que a pessoa teve problema, ela não tem que ter preconceito de ter uma vida. Só por ‘causo’ que ela não enxergar não é motivo para ela não ser professora”.
A 8	“Eu tinha uma priminha que ela tinha deficiência no cérebro, aí, por isso, as crianças que não eram assim ficavam ‘zuando’ ela na escola”.
A 9	“Eu entendi que a gente não pode julgar as pessoas com deficiência e mesmo elas tendo deficiência elas são gente”.
A 10	“Eu entendi que a gente não pode julgar quem têm deficiência porque eles não têm nenhum problema de ter uma vida normal e na nossa sala tem uma menina que chama Maitê e ela tem síndrome”.
A 11	“Eu acho que eu entendi, igual o menino falou, a gente não pode ter preconceito porque são pessoas, são igual a gente, não tem diferença”.
A 5	“Eu vi que não importa quem seja, não importa se é deficiente ou uma pessoa normal, não importa a cor, nós tomamos iguais”.
A 4	“Eu entendi que tem dois informativos, o informativo das diferenças nossas e também os informativos das acessibilidades”.
A 6	“Que assim, não deve julgar as pessoas só porque elas têm uma deficiência”.

\*Nem todas as crianças responderam a questão.

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

2º Dia

<b>Sujeito</b>	<b>Resposta</b>
A 1	“Que os deficientes tem o mesmo direitos que nós, que todo mundo tem que ter um cuidado especial com os deficientes”.
A 2	“Que assim, eles precisam de, ser tratados igual a gente, só que com um pouco mais de cuidados e os equipamentos que eles precisam pra entender as coisas”.
A 3	“Que eles tem os mesmos direitos que os brancos, os negros, até os deficientes tem que tratar eles com respeito”.
A 4	“Independentemente de ser deficiente ou não eles tem que ter escola e ter os mesmo direitos, como pessoas normais”.
A 5	“Que os deficientes tem os mesmos direitos que as pessoas as pessoas normais e que eles só precisam um pouco mais de cuidado e de atenção”.

- A 6 “Que os deficientes tem que ter a mesma vida das pessoas, que todo mundo tem que ajudar os deficientes”.
- A 7 “Que os deficientes tem os mesmo direitos que a gente”.
- A 8 “Que a gente tem que respeitar os deficientes, a gente e eles tem os mesmo direitos que a gente”.
- A 9 “A gente tem que respeitar os deficientes, a gente é igual à eles”.
- A 10 “É eles tem os mesmo direitos que nós, eles merecem um tratamento especial, né? Mas do mesmo jeito eles tem os mesmo direitos que nós”.
- A 11 “Não é só os deficientes, mas também os negros, os brancos, qualquer cor, tem que ter os mesmo direitos, não importa se é rico, pobre ou nada, tem que ir à escola e não precisa ter preconceito contra isso”.

---

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

É nítido, nos resultados da Tabela 6, o quanto a criança tem a capacidade de assimilar o conteúdo e entendê-lo. Todos aqueles que responderam souberam captar a essência do programa, inclusive um indivíduo percebeu o tratamento da informação (em duas unidades de conteúdo – o tema em si e o respeito às diferenças). Mais do que isso, os participantes conseguiram enxergar a relação do assunto a algo do seu cotidiano, relatando até algumas experiências com outras pessoas com deficiência. Tal percepção confirma o estudo de Piaget, para quem o período dos 7 aos 12 anos é aquele em que a criança começa a desenvolver o seu ser reflexivo.

A fim de observar se o formato estava adequado para este tipo de público, questionou-se sobre a dinâmica do programa. Os resultados estão na Tabela 7.

Tabela 7 – Vocês acharam dinâmico e divertido a forma como o assunto foi falado?

2º Dia

Sujeito	Resposta
A 1	“Sim”.
A 2	“Foi divertido por causa dos efeitos sonoros”.
A 3	“Eu gostei dos efeitos sonoros”.
A 4	“Dos efeitos sonoros, quando entrevistaram os alunos, achei bem legal”.

A 5	“Eu também gostei dos efeitos sonoros”.
A 6	“Eu achei”.
A 7	“Eu achei divertido os efeitos sonoros”.
A 8	“Eu achei engraçado os efeitos sonoros”.
A 9	“Gostei bastante”.
A 10	“Eu achei divertido os efeitos sonoros, tudo, se fosse outro vídeo eu teria dormido”.
A 11	“Eu achei divertido também por causa dos efeitos sonoros”.

---

Fonte: tabela elaborada pela pesquisadora.

Ficou evidente, por meio das respostas na Tabela 7, a aprovação da utilização dos efeitos sonoros. Ferramenta que foi fundamental para dar dinamicidade ao programa e despertar a atenção e interesse das crianças.

A Tabela 8 aborda as respostas procurando saber se as crianças gostariam de escutar esse programa em outros lugares, além da sala de aula.

Tabela 8- Vocês gostariam de escutar esse programa em casa, na sala de aula ou no celular?

1ºDia

<b>Sujeito</b>	<b>Resposta</b>
A 6	“Sim!”.
A 7	“Sim!”.
A 9	“Sim!”.
A 2	“Eu não tenho celular, pode ser no tablet?”.
A 8	“Sim, porque as pessoas têm que colaborar mais com isso no Brasil”.
A 2	“Eu gostaria de escutar no tablete, em casa, na aula, no intervalo”.
A 5	“Eu gostaria de assistir no celular”.
A 4	“Sim!”.
A 6	“Sim!”.

\*Nem todas as crianças responderam a questão.

---

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.



2º Dia

<b>Sujeito</b>	<b>Resposta</b>
A 1	“Sim”.
A 2	“Sim”.
A 3	“Gostaria”.
A 4	“Gostaria”.
A 5	“Sim”.
A 6	“Sim”.
A 7	“Sim”.
A 8	“Sim”.
A 9	“Sim”.
A 10	“Sim”.
A 11	“Sim”.

---

Fonte: tabela elaborada pela pesquisadora.

A devolutiva das crianças foi positiva e percebeu-se, por meio das respostas apresentadas na Tabela 8, que o programa desperta interesse para ser ouvido em outras plataformas e lugares.

Como complemento da pergunta anterior, a fim de identificar qual outros assuntos as crianças gostariam de escutar, a Tabela 9 aborda os temas sugeridos pelas mesmas como sendo interessantes para audição.

Tabela 9- Que outros assuntos você gostariam de escutar?

1º Dia

<b>Sujeito</b>	<b>Resposta</b>
A 6	“Crianças sem teto”.
A 4	“Biologia pra criança”.

A 3	“Crianças na África”.
A 10	“Sobre bullying e crianças sem teto”.
A 11	“Experiências”.
A 5	“Trabalho infantil”.
A 6	“Tem um filme que chama Bullying e eu acho que dá pra todo mundo assistir só pra ver o que é bullying”.

\*Nem todas as crianças responderam a questão.

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

## 2º Dia

<b>Sujeito</b>	<b>Resposta</b>
A 1	“Que...é...Dos preconceitos. É, tem algumas pessoas às vezes que podem roubar alguma coisa na escola. Porque já aconteceu isso lá em Brasília, quando eu morava lá. Minha mãe disse que roubaram trinta reais na frente do menino”.
A 2	“Ah, uma coisa parecida com essa. Porque não é muito normal escutar isso”.
A 3	“É, preconceito de pessoas de outros países. Tem que respeitar todas as pessoas”.
A 4	“Sobre bullying, que muita gente sofre”.
A 5	“Sobre preconceito”.
A 6	“Não sei”.
A 7	“Não sei”.
A 8	“Sobre preconceito”.
A 9	“Eu não sei”.
A 10	“Preconceito”.
A 11	“Sobre os direitos humanos, preconceitos, porque tem que respeitar os idosos. Por isso que tem aqueles lugares pros idosos passarem. E não pode ter preconceito com os pobres, os pobres são as mesmas pessoas que nós. E mesmo se o rico morrer, ele vai deixar a herança aqui em baixo, lá no céu ele vai ser a mesma pessoa”.
A 11	“Tia, eu também quero falar das religiões. Porque se você tem religião diferente que essa outra pessoa você tem que respeitar do mesmo jeito”.

A 1 “Tem que respeitar as mulheres, porque tem alguns homens que ainda maltratam as mulheres, batem”.

---

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

Na Tabela 9, notou-se, um grande envolvimento dos alunos por assuntos de relevância social, que envolve a participação de outras crianças e também assuntos relacionados ao bullying, preconceito. Isto evidencia ainda mais as potencialidades do produto, que pode servir como instrumento para disseminação de conteúdos importantes a serem debatidos.

Na tabela 10, como forma de buscar melhorar o produto, foi perguntado se os ouvintes mudariam alguma coisa no programa escutado.

Tabela 10- Vocês mudariam alguma coisa no programa?

#### 1º Dia

<b>Sujeito</b>	<b>Resposta</b>
A 5	“Não!”.
A 4	“Não!”.
A 3	“Não!”.
A 6	“Não!”.
A 8	“Não!”.
A 7	“Não!”.

\*Nem todas as crianças responderam a questão.

---

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

#### 2º Dia

<b>Sujeito</b>	<b>Resposta</b>
A 1	“Hmm, nada”.
A 2	“Nada”.
A 3	“Não é bem uma mudança, mas eu acharia legal passar pra outros países”.
A 4	“Nada”.

A 5	“Nada”.
A 6	“Eu já falei, nada”.
A 7	“Que não só no Brasil, mas em todos os países”.
A 8	“Nada”.
A 9	“Nada”.
A 10	“Nada”.
A 11	“Não mudariam nada”.
A 6	“Eu colocaria algum assunto de bullying também”.

---

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

O conjunto de respostas indicado na Tabela 10 demonstra que aparentemente não é necessário fazer mudanças e que formato agradou a todos.

Como forma de identificar as potencialidade do produto, a Tabela 11 aborda a questão referente ao conteúdo e aprendizado.

Tabela 11- O conteúdo pode ajudar no aprendizado?

1º Dia

<b>Sujeito</b>	<b>Resposta</b>
A 5	“Sim!”.
A 4	“Sim!”.
A 3	“Sim!”.
A 6	“Sim!”.
A 8	“Sim!”.
A 7	“Sim!”.
A10	“Pode”.
A 11	“Sim, é bastante informativo pra quem tem preconceito”.
A10	“Igual ela falou, é bem informativo e fala que ninguém pode ter preconceito só por causa da deficiência”.

A 9 “As outras pessoas também deveriam saber mais disso pra passar”.

A 5 “É uma coisa que todos deveriam aprender”.

\*Nem todas as crianças responderam a questão.

---

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

## 2º Dia

<b>Sujeito</b>	<b>Resposta</b>
A 1	“Pode, porque no futuro vai ter algumas pessoas que ainda vão fazer preconceitos com negro, branco ou até mesmo com os deficientes”.
A 2	“Pode, bastante”.
A 3	“Pode”.
A 4	“Pode, porque faz as pessoas pensa, já não ter preconceito com os outros”.
A 5	“Pode”.
A 6	“Pode e muito”.
A 7	“Sim”.
A 8	“Aham, pode”.
A 9	“Sim, bastante”.
A 10	“Sim, porque a gente pode encontrar com pessoas que tenham deficiência e a gente já sabe como ajudar elas”.
A 11	“As pessoas escutando isso, elas podem ajudar a parar de fazer um monte de coisa ruim, parar de ter preconceito, parar de achar que aquela pessoa que só porque é negra ou de outra religião que não pode conviver com elas”.
A 6	“Ontem eu fui numa aula que tinha uma cadeirante lá. Ela tava com bastante dificuldade porque um brinquedo caiu em cima dela e a bacia, alguma coisa caiu em cima da bacia”.
A 1	“Aproveitando o que a Lara falou, também que algumas pessoas assim se acham superiores as outras.”

---

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

De acordo com as respostas das crianças apresentadas na Tabela 11, é possível perceber que elas identificam o produto como sendo um material colaborativo com o aprendizado e com potencial informativo.

A Tabela 12, com a pergunta aplicada apenas no segundo dia, contém as respostas em relação se é melhor aprender escutando esse tipo de conteúdo na internet. A grande parte dos alunos foi a favor desse tipo de formato.

Tabela 12 – É melhor aprender escutando esse tipo de conteúdo na internet?

2º Dia

	<b>Sujeito</b>	<b>Resposta</b>
A 1		“Sim”.
A 2		“Sim”.
A 3		“Ajuda, é melhor”.
A 4		“Sim”.
A 5		“Eu acho que sim, mas pra ser sincera eu prefiro ver o que tá acontecendo. Escutar e ver”.
A 6		“Sim”.
A 7		“Sim”.
A 8		“Mais ou menos”.
A 9		“Mais ou menos, porque a gente também pode mostrar”.
A 10		“Sim, porque eu não gosto muito de ler texto. Então eu acho melhor escutar, porque é mais fácil”.
A 11		“Sim, porque se você for ver em uma reportagem eles deixam a notícia de forma muito triste. E esse daí não deixa, deixa mais alegre”.

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

Na Tabela 13, foi abordado se as crianças já escutaram *podcast* ou se já tinham ouvido falar.

Tabela 13-Vocês já escutaram *podcast* ou ouviram falar sobre *podcast*?

1º Dia

<b>Sujeito</b>	<b>Resposta</b>
A 2	“Eu já, mas não sei o que significa isso. Eu escutei na minha vó uma vez”.
A 10	“Eu nunca ouvi falar”.
A 11	“Eu já ouvi falar sim, mas só que nunca ouvi”.
A 7	“Eu escutei no sábado”.
A 3	“Não!”.
A 14	“Não!”.
A 13	“Não!”.
A 5	“Não!”.
A 4	“Não!”.
A 16	“Eu nunca ouvi falar”.

\*Nem todas as crianças responderam a questão.

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

2º Dia

<b>Sujeito</b>	<b>Resposta</b>
A 1	“Não”.
A 6	“O que é isso?”.
A 2	“Não”.
A 3	“Não”.
A 4	“Não”.
A 5	“Não”.
A 6	“Não”.
A 7	“Eu acho que já, mas não lembro aonde”.
A 8	“Não”.

A 9	“Não”.
A 10	“Não”.
A 11	“Não, meus pais que me explicaram o que é”.

---

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

A grande maioria respondeu que não conhecia o formato *podcast*, porém, algumas relataram o contrário, sendo que já escutaram esse formato ou já ouviram falar. Entretanto, não há como saber se aquelas que responderam já ter escutado, de fato, escutaram o formato *podcast*. Por via das dúvidas, foi explicado de forma didática pela pesquisadora o que é o *podcast* após as respostas das crianças, indicadas na Tabela 13.

Como forma de complementar a pesquisa, a Tabela 14 aborda quais plataformas ou conteúdos, os alunos acessam na internet.

Tabela 14 - O que vocês acessam na internet?

1º Dia

<b>Sujeito</b>	<b>Resposta</b>
A 10	“Eu uso mais o Youtube”.
A 3	“Eu também!”.
A 14	“Eu sou mais o Youtube”.
A 16	“Youtube”.
A 15	“Youtube”.
A 5	“Eu prefiro ver vídeos de jogos”.
A 2	“Na internet eu converso com minhas amigas”.

\*Nem todas as crianças responderam a questão.

---

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.



2º Dia

<b>Sujeito</b>	<b>Resposta</b>
A 1	“Consoles e televisão”.
A 2	“Celular, tablet e televisão”.
A 3	“Computador celular e televisão”.
A 4	“Computador e celular”.
A 5	“Computador e celular, por causa do Youtube”.
A 6	“Computador, tablete e televisão”.
A 7	“Eu uso mais o computador, mas eu também usa o meu celular e tablet”.
A 8	“Computador, celular e televisão. Só que eu uso mais o computador”.
A 9	“Eu uso bastante o computador e celular”.
A 10	“Tablet e celular”.
A 11	“Televisão, porque a minha televisão tem o Google, tem Youtube, tem um monte de coisas”.

---

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

De acordo com o apresentado na Tabela 14, a grande maioria respondeu que acessa a plataforma Youtube, na qual, se tem acesso a vídeos e conteúdos de diversos assuntos.

A Tabela 15 contém as respostas das crianças em relação ao questionamento se seus pais utilizam de ferramentas tecnológicas.

Tabela 15-E o seus pais, o que eles utilizam de ferramentas tecnológicas?

1ºDia

<b>Sujeito</b>	<b>Resposta</b>
A 10	“Meu pai usa mais o celular”.
A 5	“Televisão, celular e tablet”.
A 6	“Mais o celular, mas sexta-feira meu pai escuta o rádio pra ver se tem alguma coisa de lazer pro final de semana”.

- A 11 “Meu pai gosta de assistir bastante filme, mas eles também ficam no celular, no rádio do carro”.
- A 2 “No celular”.

\*Nem todas as crianças responderam a questão.

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

## 2º Dia

<b>Sujeito</b>	<b>Resposta</b>
A 1	“Em casa meu pai usa o celular e o computador dele pra trabalho. Mas em área de trabalho, minha mãe e meu pai usam o computador e minha mãe usa o celular pra ver o que está acontecendo aqui na escola”.
A 2	“Meu pai usa mais o computador, o celular, assiste televisão. E minha mãe mais o computador e celular”.
A 3	“Minha mãe consome mais o celular e meu pai mais a TV”.
A 4	“Consome as mesmas coisas”.
A 5	“Não quero falar”.
A 6	“Os dois também o celular”.
A 7	“Os dois é mais o celular. Impossível a minha mãe usar o meu computador”.
A 8	“Meu pai ele consome muito mais o computador e minha mãe muito menos”.
A 9	“A minha mãe é bem difícil ela usar o computador, celular e tablete. Em vez dela pesquisar ela escreve”.
A 10	“Meu pai consome mais o computador e minha mãe o celular”.
A 11	“Minha mãe e meu pai consome mais o celular e minha mãe um pouco mais o computador”.

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

O celular é a tecnologia mais presente nas residências dos participantes da pesquisa, como demonstra a Tabela 15, reforçando a ideia de que as crianças, hoje em dia, estão inseridas e influenciadas por um ambiente tecnológico, seja fora ou dentro de casa.

Em ambos os estudos de recepção é evidente que as crianças souberam entender e absorver a informação de forma a refletirem sobre o assunto falado.

Reforçando o potencial educativo e informativo do *podcast*, que com uma linguagem simples, didática e dinâmica conseguiu cativar a atenção dos ouvintes mirins e despertar o interesse por meio das fontes, dentre elas infantis e, dos efeitos sonoros, fundamentais para a dinamicidade do programa.

Os resultados obtidos nos estudos de recepção foram entendidos como imprescindíveis para dar continuidade ao trabalho e para a criação da série de *podcast*, que tem como premissa os direitos humanos, levando informação e conhecimentos para as crianças.

## 6 SÉRIE DE PROGRAMAS

Os dois dias do estudo de recepção foram fundamentais para comprovar as potencialidades do programa-piloto e, conseqüentemente, avaliar a respeito do formato em áudio voltado ao conhecimento e à educação de crianças de 7 a 10 anos de idade.

Para dar continuidade à série de *podcast*, atentou-se às principais características do programa-piloto, que consistiu em abordar um tema de forma didática, simples e dinâmica, e utilizando os efeitos sonoros e, principalmente, fontes, dentre elas, crianças, características que foram aprovadas pelo público-alvo e consideradas um dos pontos fortes do produto, durante a pesquisa de campo. Sendo assim, para os próximos programas, foram mantidos a linguagem informal, de forma a passar o tema de maneira clara, a trilha sonora de fundo, a vinheta, os efeitos de sonoplastia, para prender a atenção das crianças, e as fontes infantis, que aproximam o ouvinte do tema. Além disso, manteve-se a temática direitos humanos, visto que produzir conteúdos com temas relacionados a essa área é contribuir com o conhecimento e formação da criança.

### 6.1 DIREITOS HUMANOS

Os direitos humanos são direitos básicos e inerentes a todos os seres humanos, os quais independem de raça, religião, sexo, etnia ou qualquer outra condição. Alguns dos direitos do homem, são: o direito à vida, à liberdade e a liberdade de expressão, o direito à educação e ao trabalho, e muitos outros. (O QUE..., 20??).

Eles se encontram explicitamente previstos no título II da Constituição Federal de 1988, intitulado como “Direitos e garantias fundamentais”. Aqui, destaca-se o art. 5º da Constituição, o qual se dedica a detalhar direitos intrínsecos ao homem, de maneira a assegurar a proteção do indivíduo com dignidade.

Considerando tal referencial documental, trabalhar a temática direitos humanos nos programas de *podcast* é estar em consonância com a Convenção sobre os Direitos Humanos da Criança de 1989, cujo art. 29 indica que os Estados reconhecem que a educação da criança deverá estar orientada no sentido de imbuir

na criança o respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais, bem como aos princípios consagrados na Carta das Nações Unidas.

Sendo assim, produzir os programas de *podcast* com a temática direitos humanos e cooperar com a educação da criança e também com a sua formação.

A escolha por permanecer com a temática direitos humanos também se deve ao fato de ser um tema transversal, que perpassa todos os conteúdos curriculares.

[...] os Temas Transversais correspondem a questões importantes, urgentes e presentes sob várias formas, na vida cotidiana. O desafio que se apresenta para as escolas é o de abrirem-se para este debate. (BRASIL, 1997, p.15).

Tal decisão editorial também se amparou no fato de que o Brasil possui problemas relacionados a direitos humanos, desta forma, nada mais natural do que abordá-lo nos programas, uma vez que eles são entendidos como uma ferramenta para o aprendizado e reflexão sobre a alteridade das crianças.

A escolha dos temas relaciona-se ainda aos critérios de noticiabilidade, muito adotado por Nelson Traquina (2005) e que se aplicam aos programas. Dentre eles a notabilidade, assuntos propensos a se tornarem notícias e serem visíveis na mídia; novidade, apesar de muitos assuntos serem conhecidos e debatido pelas pessoas, muitas crianças ainda não têm o conhecimento ou até já ouviram falar, mas não da forma como são abordados nos programas de *podcast*; a proximidade, temas do cotidiano e que estão presente em livros, leis, na mídia e, por fim, um dos mais importantes, a relevância.

Este valor-notícia responde à preocupação de informar o público dos acontecimentos que são importantes porque têm um impacto sobre a vida das pessoas. Este valor-notícia determina que a noticiabilidade tem a ver com a capacidade de o acontecimento incidir ou ter impacto sobre as pessoas, sobre o país, sobre a nação. (TRAQUINA, 2005, p. 80).

Após identificar os melhores temas por meio dos critérios de noticiabilidade, a execução dos programas pode ser iniciada. O primeiro passo foram as criações das pautas, que, segundo Ferraretto (2014, p.151), “representa, na realidade, um parâmetro, um indicativo por onde começar o trabalho jornalístico”. As pautas são importantes para se definir o conteúdo, a abordagem, as fontes, as perguntas, fatores fundamentais para dar forma ao roteiro. Os próximos programas abordaram assuntos relevantes e de grande impacto social. Foram eles: a fome, o trabalho

infantil, os refugiados e o bullying. A seguir, são apresentadas as cinco pautas do programa, incluindo a edição-piloto.

## 6.2 PAUTA: ACESSIBILIDADE

### **Histórico do assunto**

Desde o início da década de 90, nós podemos encontrar importantes documentos internacionais, como por exemplo, Declaração de Jontiem, de Salamanca e de Dakar, que exaltam uma educação de qualidade para todos e ressaltam a importância de respeitar a diversidade de cada um.

De acordo com Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.934/96), é um direito garantido à inclusão escolar de alunos com deficiência em escolas regulares. A acessibilidade, intrínseca à inclusão, é um fator muito importante no processo inclusivo, representando um desafio a ser superado, uma vez que são muitas as dificuldades e barreiras encontradas no acesso e nas práticas pedagógica dos professores.

No Art. 1º do Decreto nº 7.611, de 17 de Novembro de 2011, afirma-se ser dever do Estado a garantia de um sistema educacional inclusivo em todos os níveis, sem discriminação e com base na igualdade de oportunidades; o aprendizado ao longo de toda a vida; a adoção de medidas de apoio individualizadas e efetivas, em ambientes que maximizem o desenvolvimento acadêmico e social, de acordo com a meta de inclusão plena. (BRASIL, 2011).

A Educação Inclusiva, entretanto, não ocorre de uma hora para outra, pois se trata de um processo cheio de especificidades, porém fundamental quando se pensa em construir uma sociedade inclusiva [...]. Para isso é necessário contar com o envolvimento e participação de todos nesse processo. (ALMEIDA; LEITE, 2006, p.10).

Os pais, alunos, professores e o ambiente devem trabalhar em conjunto em prol de uma escola que possa estabelecer igualdade para todos.

## **Histórico na mídia**

É possível encontrar no site do Ministério da Educação (MEC) a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi). Que tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento inclusivo dos sistemas de ensino, buscando a valorização das diferenças e diversidades. No site você tem acesso às legislações voltadas para o tema, programas e ações, entre outros.

A revista Nova Escola, tanto o site quanto o exemplar, são ótimas fontes para ler sobre assuntos importantes no meio escolar. Sobre a inclusão esses veículos possuem conteúdos bem completos, que variam desde os tipos de deficiência até dicas para adaptar os espaços na escola. Na Internet, é possível encontrar artigos sobre o tema.

## **Justificativa**

É um tema de extrema importância quando analisamos a educação como uma das grandes bases do cidadão. As escolas, junto com os alunos e professores exercem um papel valioso na construção do indivíduo. E ao pensar em pessoas com deficiência, nós nos esbarramos em dificuldades e para isso é preciso um olhar mais atento à questões como a inclusão. Diante de um tema tão importante, seria fundamental compartilhá-lo com as crianças. Afinal, elas possuem um grande poder para mudar o futuro do país. A inclusão precisa ser trabalhada em conjunto e quanto maior o seu debate, maior é a possibilidade de convivemos em uma sociedade livre de preconceitos, de pré-julgamentos e que saiba respeitar as diferenças do próximo. Além de disso, o tema se enquadra em alguns critérios de noticiabilidade, dentre eles, a proximidade. Levar a temática acessibilidade para as crianças é estar de acordo com uma realidade que está presente nas escolas ou fora dela. É cada vez mais comum para a criança conviver em um ambiente que tenha pessoas com alguma deficiência e é necessário que ela saiba trabalhar a inclusão.

## **Objetivos**

O objetivo da reportagem é refletir e debater com as crianças sobre a inclusão de pessoas com deficiência na educação infantil, buscando demonstrar a

importância da escola, do professor e dos próprios alunos na inserção desses deficientes na sociedade e ressaltando como é importante respeitar as diferenças e diversidades do próximo e como podemos transformar o mundo em um lugar melhor com boas ações.

### **Fontes de entrevista**

- Kátia de Abreu Fonseca, professora da Divisão de Educação Especial do Município de Bauru, e Coordenadora de Área da Educação Especial na Secretaria Municipal da Educação, Departamento de Planejamento, Projeto e Pesquisas Pedagógicas.
- Nicole Carlos Santos tem 7 anos e perdeu a visão quando tinha 3 anos de idade.
- João Henrique Custódio de Souza Barros tem 12 anos e já teve contato com quem possui deficiência.

### **Perguntas aos entrevistados**

- Kátia de Abreu Fonseca
  - O que é inclusão?
  - Qual a importância?
  - Quais as dificuldades enfrentadas por esses alunos?
  - Como a escola pode contribuir na formação desses alunos?
- Nicole Carlos Santos
  - Você gosta da escola?
  - O que ela significa para você?
  - Você sente alguma dificuldade?
  - Você recebe ajuda dos colegas de sala e da professora?
  - O que você quer ser quando crescer?
- João Henrique Custódio de Souza Barros
  - Você conhece pessoas com deficiência?
  - Como você enxerga essas pessoas? São pessoas comuns ou diferentes?



-Como podemos ajudá-las?

### 6.3 PAUTA: FOME

#### **Histórico do assunto**

A fome ainda é um grande problema para a população do mundo e também no País. De acordo com um relatório publicado pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), o Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola (IFAD) e o Programa Alimentar Mundial (PAM), há 795 milhões de pessoas passando fome no mundo. Dentre elas 108 milhões estão em estado de insegurança alimentar grave, de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU) e União Europeia (UE). No Brasil, segundo os últimos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2013, há mais de 7 milhões de pessoas em situação de fome no Brasil. (MAIS...,c2014).

A Declaração Universal dos Direitos Humanos reconhece, desde 1948, que todo ser humano tem direito à alimentação, ou seja, qualquer pessoa deveria ter a possibilidade de comer alimentos de qualidade e em quantidades suficientes para satisfazer suas necessidades.

#### **Histórico na Mídia**

É possível encontrar no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e também da Organização das Nações Unidas (ONU) dados referentes à fome e também notícias a respeito do assunto.

Voltado para o público infantil, o site Turminha do MPF aborda diversos assuntos sobre os direitos humanos de forma simples e didática, e a fome é um deles.

#### **Justificativa**

A fome é um dos importantes temas para se entender e debater atualmente. Apesar dos diversos programas de combate à fome, a questão ainda é uma

realidade presente em nossa sociedade. Atendendo-se ao fato de que é um direito do homem o acesso à alimentação e de forma que as suas necessidades sejam sanadas, é imprescindível que um tema como esse seja colocado em debate, uma vez que são milhões de pessoas, dentre elas crianças, em situação de insegurança alimentar grave. Assim sendo, a relevância, critério de noticiabilidade, está muito presente nesse tema. Uma vez que a fome é um problema contínuo não só no Brasil, mas no mundo e que está em pauta todos os anos, já que um dos objetivos é acabar com a fome.

### **Objetivos**

Refletir e debater com as crianças sobre a fome no Brasil e no mundo. De forma a possibilitar o entendimento sobre o assunto, abordando desde o que é a fome, suas categorias e como podemos ajudar a combatê-la ou minimizá-la. Deixando claro que há leis que garantem o direito à alimentação.

### **Fontes de entrevistas**

- Sebastião Clementino da Silva, professor especialista universitário de geografia e geografia humana.
- Vitória Palmejani, voluntária do Esquadrão da Noite, grupo voluntário que leva comida aos moradores de rua.
- Lívia Augusto de Souza, tem 5 anos e já foi algumas vezes com a sua tia Vitória no Esquadrão da Noite.
- Morador de rua, relatando as experiências de se viver na rua.

### **Perguntas aos entrevistados**

- Sebastião Clementino da Silva
  - O que é a fome?
  - Porque ainda existe fome no Brasil e no mundo?
  - Tem alguma forma de combatê-la?

- Vitória Palmejani

-O que é o Esquadrão da Noite?

-De onde veio a vontade de participar?

-Você percebe que o seu trabalho faz a diferença?

- Lívia Augusto

-De onde veio a vontade de ajudar a sua tia na entrega das marmitas?

-Você se sente bem fazendo um trabalho como esse?

-Você gosta de participar?

- Morador de rua

-Conte um pouco da sua experiência nas ruas. É difícil fazer uma refeição?

-Como você enxerga os trabalhos voluntários?

#### 6.4 PAUTA: TRABALHO INFANTIL

##### **Histórico do assunto**

Muito se almeja viver em uma sociedade mais justa, igualitária e humana. Mas, ainda hoje, o homem enfrenta um grande obstáculo ao se tratar de trabalho infantil, uma prática exercida por muitas crianças, em um momento em que estas deveriam estar estudando ou brincando e não trabalhando.

De acordo com o Instituto da Criança e do Adolescente (ECA), crianças e adolescentes têm direito à vida, à liberdade, à saúde, à educação, ao respeito e à dignidade, tornando-se dever da família, da comunidade, da sociedade e do poder público assegurar esses direitos com absoluta prioridade.

E é o que consta no Art. 7º do Decreto nº 8.069 , de 13 de Julho de 1990, que assegura que crianças e adolescentes têm direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência. (BRASIL, 1990).

Segundo dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT), 168 milhões de crianças realizam trabalho infantil no mundo, sendo que 120 milhões têm idade entre 5 e 14 anos e cerca de 5 milhões encontram-se em condições análogas à escravidão. (OIT...C2015).

No Brasil, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2015, ano dos últimos dados coletados, quase 80 mil crianças entre 5 e 9 anos estavam trabalhando. Um número alto quando pensamos que as leis deveriam assegurar a proteção dessas crianças. (IBGE, 2016).

### **Histórico na Mídia**

Por se tratar de direitos humanos, muitas das informações a respeito das leis se encontram no site do planalto. O site da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e também do IBGE são fontes complementares do assunto.

A Universidade de São Paulo (USP) possui uma biblioteca virtual de direitos humanos, facilitando o acesso às informações.

E o site Turminha do MPF aborda o tema trabalho infantil com as crianças, possibilitando um conhecimento sobre os conceitos, as regras e as piores formas de trabalho.

### **Justificativa**

Por se tratar de um programa voltado para crianças, é fundamental falar de um assunto que atinge esse público-alvo. O trabalho infantil é uma realidade do mundo todo e é preciso que a população esteja consciente sobre essa situação, para então procurar medidas que impeçam que esse tipo de trabalho seja realizado. Além de se encaixar no critério notabilidade, um tema propenso a estar na mídia e se tornar notícia, uma vez que é crime uma criança trabalhar. E, mais do que isso, visto que as crianças têm a capacidade de reflexão, abordar um tema como esse é válido para que estas desde cedo entendam sobre a realidade em que elas estão inseridas e que de alguma forma possam ajudar no futuro.

## **Objetivos**

Refletir e debater com as crianças sobre o trabalho infantil no Brasil e no mundo. De forma a possibilitar o entendimento sobre o assunto, abordando o que é o trabalho infantil, seus conceitos, regras e perspectivas para um futuro sem esse tipo de prática.

## **Fontes de entrevista**

- José Fernando Ruiz Maturana, procurador do trabalho da cidade de Bauru.
- Ana Efraim Reis José, tem 7 anos e é contra o trabalho infantil.

## **Perguntas aos entrevistados**

- José Fernando Ruiz Maturana

-O que é o trabalho infantil?

-Quais são as causas?

-Quais são as consequências do trabalho infantil para as crianças?

-Como combater o trabalho infantil?

- Ana Efraim Reis José, tem 7 anos e é contra o trabalho infantil.

-Você já viu alguma criança trabalhando?

-O que você acha do trabalho infantil? É certo ou errado?

## **6.5 PAUTA: REFUGIADOS**

### **Histórico do assunto**

O mundo, apesar dos anos de desenvolvimento e mudanças sociais, ainda possui suas zonas de conflito, colocando em risco a vida de muitas famílias que se veem desamparadas e muitas vezes tendo apenas como opção o refúgio em outros países.

O Brasil, segundo dados do Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), faz parte da Convenção Internacional sobre o Estatuto dos Refugiados de 1951, do Protocolo de 1967 e também integra o Comitê Executivo do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) desde 1958. De acordo com esses tratados, o estrangeiro pode pedir refúgio no Brasil caso se encontre em situação de temor por perseguição por motivos de:

Raça, religião, nacionalidade, pertencimento a grupo social específico ou opinião política, encontre-se fora de seu país de nacionalidade (ou, no caso de apátridas, de seu país de residência habitual) e não possa ou, devido a tal temor, não queira retornar a ele. (REFUGIADOS..., [200?]).

No Brasil, de acordo com os dados da ACNUR (c2001-2016), foram reconhecidos até o final do ano passado 9.552 refugiados de 82 nacionalidades. Em 2016, os refugiados reconhecidos eram em maior parte da Síria, República Democrática do Congo, Paquistão, Palestina e Angola. Já entre os países com maior número de solicitantes de refúgio no Brasil estão a Venezuela, Cuba, Angola, Haiti e Síria.

### **Histórico na Mídia**

Refugiados é um tema muito atual, por conta disso diversos sites de notícia trazem informações a respeito, caso do Tab UOL, Guia do Estudante, entre outros.

Além disso, existem sites específicos para tratar desse assunto, como é o caso da ACNUR e Conare.

### **Justificativa**

A população mundial atualmente é de mais de 7 bilhões de pessoas, dentre elas, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, o ACNUR (c2001-2016), 20 milhões são refugiados, um número alarmante quando se sabe que é um direito do homem, de acordo com Declaração Universal dos Direitos Humanos, o direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

Abordar um tema como esse para o público infantil se enquadra em um dos critérios de noticiabilidade, que é a novidade. Para as crianças, apesar de terem a

possibilidade de ver, ler ou ouvir um assunto como esse nas mídias, a forma como são feitas, não se dirigem a elas e sim, aos adultos. Por isso, trazer em discussão ao público infantil o tema refugiados é incentivá-los a entender o que se passa no mundo, destacando que muitos desses refugiados são crianças. Desta forma é necessário identificar que para receber esses refugiados é preciso que não só o País esteja preparado, mas também a população.

### **Objetivos**

Refletir e debater com as crianças sobre a situação de refugiados no mundo e mais precisamente no Brasil, de forma que estas entendam o significado de refugiado e a importância do país abrir “as portas” para essas pessoas reiniciarem às suas vidas e terem a oportunidade de viver em paz. O programa deve ressaltar também o valor de saber respeitar e conviver em uma sociedade com culturas e pessoas diferentes.

### **Fontes de entrevistas**

- Beatriz Sabia Ferreira Alves, professora universitária de Relações Internacionais.
- Fernando Kambundo, Angolano e exemplo de estrangeiro que veio para o Brasil em busca de melhores condições de vida, uma vez que o seu País passou anos em guerra.
- Isabel Natanaela Reis José, filha do Fernando, exemplo de criança que não nasceu no Brasil, mas que teve toda a sua infância vivida aqui.

### **Perguntas aos entrevistados**

- Beatriz Sabia Ferreira Alves
- O que são os refugiados?
- Qual a importância do Brasil receber esses refugiados?
- Como que nós, como cidadãos, devemos nos comportar perante os refugiados?

- Fernando Kambundo

-Por que você veio para Brasil?

-Você se sentiu acolhido pelo nosso país?

-Sofreu algum tipo de preconceito?

-O que mudou na sua vida desde quando você veio morar no Brasil?

- Isabel Natanaela Reis José

-Como que é pra você morar em outro país?

-Você gosta do Brasil?

-O que você gosta de fazer aqui?

-Tem vontade de conhecer a Angola?

## 6.6 PAUTA: BULLYING

### **Histórico do assunto**

A criança e o adolescente têm o direito à liberdade, à dignidade e ao respeito. E esse direito está incluso no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, cujo Art. 16 prevê que esse público tem o direito à liberdade de opinião e expressão, à liberdade em relação à religião e também a liberdade para participar da vida comunitária sem discriminação. (BRASIL, 1990).

No entanto, é comum encontrarmos durante o período escolar casos de bullying entre as crianças. Bullying é um termo utilizado para designar formas de atitudes agressivas, sejam elas verbais ou físicas, podendo ser intencionais e repetitivas, exercidas por um ou mais indivíduo, causando na maioria das vezes danos emocionais em vítimas indefesas.

De acordo com o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) 2015, um em cada dez estudantes é vítima de bullying frequente nas escolas, informação dada pela Agência Brasil. “A falta de conhecimento sobre a existência, o funcionamento e as consequências do bullying propicia o aumento desordenado no número e na gravidade de novos casos e nos expõe a situações trágicas isoladas ou coletivas que poderiam ser evitadas”. (SILVA, 2015, p.9).



## **Histórico na Mídia**

Novamente a Biblioteca Virtual de Direitos Humanos, da USP facilitou o acesso às leis. O site do Brasil Escola, da Nova Escola e EBC abordam o assunto de forma didática e com informações relevantes. Há também livros que falam sobre o Bullying, dentre eles o livro da psicóloga Ana Beatriz Barbosa Silva.

## **Justificativa**

Apesar de ser um tema que já foi muito debatido, ainda é relevante falar sobre o assunto com as crianças. Uma vez que as mesmas, ao serem questionadas no estudo de recepção quais outros assuntos gostariam de escutar, o bullying e preconceito foram os mais pedidos. O que fortalece a criação de um programa voltado para essa temática, já que o ambiente escolar é propenso a esse tipo de prática, que muitas vezes é praticada pelas crianças por não reconhecerem que certas ações podem ser consideradas bullying e novamente, a proximidade, critério de noticiabilidade, pode ser aplicada no tema. As crianças passam grande parte do tempo nas escolas, ambiente em que a prática do bullying é muito comum e presente, ou seja, uma realidade próxima às crianças.

## **Objetivos**

Refletir e debater com as crianças sobre o bullying, de forma que elas entendam como se dá essa prática, quais os efeitos e consequências, visto que a criança tem a capacidade de reflexão, é de se esperar que ao ter o conhecimento do assunto elas possam ser capazes de identificar situações em que a prática do bullying é feita e assim impedir que ela seja praticada.

## **Fontes de entrevistas**

- Francislene Marques, professora do fundamental.
- Cláudia Alegretti, psicóloga.
- Ana Clara Pereira, tem 10 anos e já foi vítima do bullying.

## Perguntas aos entrevistados

- Francislene Marques

-Qual o papel do professor para que esse tipo de pratica não aconteça?

-Caso um aluno seja vitima ou presenciou a pratica do bullying, o que ele deve fazer?

- Cláudia Alegretti

-O que é o bullying e como identifica-lo?

-Quais práticas são consideradas bullying?

-Quais são as consequências para a vítima do bullying?

- Ana Clara Pereira

-Você já sofreu bullying? Como que foi?

-Você ficou triste?

## 6.7 PRODUÇÃO

Após a criação das pautas, o roteiro e a coleta das fontes pode ser realizado. Marcar as entrevistas com os entrevistados requereu uma atenção maior, uma vez que o entrevistador dependia do horário da fonte a ser entrevistada. Para os programas, foram entrevistadas 12 pessoas, dentre elas profissionais de cada assunto e também crianças. Não houve dificuldades nos momentos das entrevistas, todas as conversas fluíram de forma tranquila e os profissionais de cada assunto se preocuparam em explicar o tema de forma didática para o público-alvo. Quanto às crianças, foi preciso um pouco mais de calma para que elas pudessem se sentir à vontade para conversar e assim darem as suas opiniões sobre os assuntos.

Todo processo durou em torno de duas semanas, com um total de 32 min e 50 segundos de gravações. Todas as sonoras foram ouvidas e selecionadas de acordo com o que cada roteiro demandava.

O roteiro, durante o desenvolvimento da coleta de entrevistas, já foi sendo escrito e moldado de acordo com as informações dadas pelas fontes e os preceitos determinados em cada uma das pautas. As características presentes no programa-

piloto foram mantidas, como, por exemplo, a linguagem simples, didática e dinâmica, o uso de crianças como fontes e, a fim de tornar o *podcast* mais completo, ao final dos programas se indicou um vídeo, livro ou colocou-se uma música a respeito do tema, em vista de proporcionar uma maior reflexão para as crianças. A música, como definem Martínez-Costa e Diéz Unzueta (2005, p.50 apud FERRARETTO, 2014, p.33), é comunicativa, sendo usada como uma música autônoma.

Todo o roteiro apresenta o tema com inserção de dados e exemplos; além de contar com uma solução ou uma maneira de minimizar o problema e, por fim, apresenta uma reflexão à criança. O ato de motivar a reflexão é uma das grandes potencialidades do produto, pois a criança, de acordo com Piaget (1968), tem a capacidade de organizar seus pontos de vista, opiniões e reflexões. Perspectiva corroborada por Vygotsky (1991), para quem a criança é um ser pensante.

Após os roteiros prontos, a edição pode ser realizada. Todo material foi gravado no Laboratório de Rádio da Universidade do Sagrado Coração, com a ajuda do técnico Leandro Zacarim. Novamente, as características do programa-piloto foram mantidas e o uso de trilha sonora de fundo, vinheta e efeitos sonoros serviram para dar vida ao *podcast*. A trilha sonora e a vinheta foram mantidas em todos os programas, como uma das identidades do Podcriança. De maneira a enfatizar as partes mais sérias do programa, uma outra trilha de fundo foi colocada para ficar em harmonia com o que está sendo ouvido.

Os efeitos sonoros foram inseridos em momentos que se acreditou ser apropriado ao contexto, respeitando os trechos mais sérios. A voz foi um ponto importante no momento das gravações, uma vez que ela necessita estar condizente com o conteúdo falado. À vista disso, optou-se por manter um meio-termo entre uma voz descontraída e neutra na hora de relatar conteúdos mais delicados e importantes.

Todo o processo de gravações durou em torno de uma semana e os programas finalizados foram ouvidos como uma forma de revisão e análise do conteúdo.

Em síntese, a pesquisa resultou nesse conjunto de programas:

**Tabela 16- Síntese dos programas**

<b>Nº do programa</b>	<b>Título</b>	<b>Sinopse</b>	<b>Tempo</b>	<b>Link</b>
01	Acessibilidade	O programa fala sobre a acessibilidade e a inclusão de pessoas com deficiência nas escolas e também na sociedade. Incentivando o ouvinte a respeitar as dificuldades e diferenças de cada um.	6:29	<a href="https://soundcloud.com/user-89761508/sets/podcrianca/s-pN3iV">https://soundcloud.com/user-89761508/sets/podcrianca/s-pN3iV</a>
02	Fome	O programa fala sobre a fome que é uma realidade da nossa sociedade. Demonstrando o que é a fome e como podemos minimizá-la ou combatê-la.	8:25	<a href="https://soundcloud.com/user-89761508/sets/podcrianca/s-pN3iV">https://soundcloud.com/user-89761508/sets/podcrianca/s-pN3iV</a>
03	Trabalho infantil	O programa fala sobre uma realidade que atinge muitas crianças do mundo todo, que é o trabalho infantil. Ensinando o que é esse trabalho, quais são os tipos e como impedir que isso aconteça.	8:00	<a href="https://soundcloud.com/user-89761508/sets/podcrianca/s-pN3iV">https://soundcloud.com/user-89761508/sets/podcrianca/s-pN3iV</a>
04	Refugiados	O programa traz como tema os refugiados, uma realidade vivenciada por muitas pessoas do mundo todo. O programa explica o que são os refugiados, como acolher e respeitar essas pessoas que procuram oportunidades de	7:01	<a href="https://soundcloud.com/user-89761508/sets/podcrianca/s-pN3iV">https://soundcloud.com/user-89761508/sets/podcrianca/s-pN3iV</a>

		vida em outros países, inclusive, no Brasil.		
05	Bullying	O programa fala sobre o bullying e como esse tema é importante de ser debatido e entendido. De forma que as crianças reconheçam as práticas que causam o bullying e como é possível evitá-las e contribuir para que elas não aconteçam.	5:20	<a href="https://soundcloud.com/user-89761508/sets/podcrianca/s-pN3iV">https://soundcloud.com/user-89761508/sets/podcrianca/s-pN3iV</a>

Fonte: Produzida pela autora.

Ao final da produção, avaliou-se preliminarmente que essa série de *podcasts* conseguiu criar para o Podcriança uma identidade, levando informação e conhecimento para as crianças de uma forma leve, didática e dinâmica e não servindo só como um programa de entretenimento, mas, sim, de conteúdo. Avaliou-se também, no futuro, criar uma página para disponibilizar todos os programas criados como uma forma de divulgação do produto e também continuidade. Além de disponibilizar esses programas para as escolas, uma vez que acredita-se que possam contribuir com o ensino e com as práticas em sala de aula.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho surgiu com o intuito de levar conhecimento e educação a crianças de 7 a 10 anos. Desde o começo, todo o projeto foi norteado pela ideia de que o público-alvo tem a capacidade de debater e de refletir questões sociais. Posto isso, procurou-se unir a tecnologia, esta que está imersa no dia a dia das crianças, por meio do formato *podcast* e o trabalho jornalístico, que é levar conhecimento e informação à população.

Tendo esse desejo em mente, partiu-se para o objetivo do trabalho, que buscou o desenvolvimento crítico das crianças, os debates em sala de aula e a integração social por meio da produção da série de *podcast*, além de ter procurado desenvolver o formato mais adequado para o público-alvo ouvir. Desta forma, muitos estudos foram feitos e escutas de outros programas foram realizadas, para então, compreender a temática dos *podcasts*.

Feito isso, um programa-piloto foi produzido no Laboratório de Rádio da Universidade do Sagrado Coração e levado em uma escola particular do ensino fundamental da cidade de Bauru-SP. No ambiente escolar, o estudo de recepção com o público-alvo delimitado pode ser executado. A escolha pelo estudo de recepção confirmou-se pertinente, proporcionando um contato direto com as crianças e criando um ambiente amigável em que elas se sentissem à vontade para falar. Além de possibilitar a troca de informações, tal método foi fundamental para analisar as potencialidades dos programas.

A partir dos resultados obtidos, foi confirmada a hipótese do trabalho de que a inserção de conteúdos relevantes para a formação das crianças em um formato dinâmico traz bons resultados e a aprovação das crianças.

Outra hipótese confirmada é de que a curta duração dos programas, o uso dos recursos de sonoplastia (como uma das formas de chamar a atenção, uma vez que o rádio é um meio cego e não utiliza a imagem, como a televisão), da linguagem dinâmica e de fácil entendimento despertam na criança o interesse e concentração pelo que estava ouvindo.

Essa aprovação por parte do público-alvo foi fundamental para dar continuidade e aprimorar a série de *podcast*, que, como produto da pesquisa aplicada, manteve as mesmas características do programa-piloto, dentre elas a

linguagem simples e dinâmica, o uso de efeitos sonoros, a trilha sonora de background e os conteúdos relevantes voltados para os direitos humanos.

A fim de complementar os programas seguintes, notou-se ser viável a inserção de uma dica literária, de vídeos ou de músicas ao fim do programa para deixá-lo ainda mais completo e coerente com a proposta do trabalho.

A esta pesquisadora, produzir essa série de *podcast* confirmou a oportunidade e o poder que o jornalista tem com a elaboração cuidadosa e pertinente da mensagem de forma a gerar a transmissão de conhecimento. Avalia-se que o profissional do jornalismo, como comunicador, influencia, e muito, na construção do pensamento do homem. Por outro lado, há de se considerar o receptor desse conteúdo, respeitando sua inteligência e capacidade de compreensão. Nesse sentido, realizar um trabalho voltado para o público infantil foi ratificar a crença no potencial da criança para o entendimento de assuntos importantes e reflexão dos mesmos, fato já posto em debate por Piaget e Vygostky, que enxergam a criança como um ser pensante e ativo.

O estudo de recepção mostrou o quanto a criança consegue compreender um assunto, refletir e aplicar aquilo que foi dito em situações cotidianas. Isto pode ser exemplificado pelo aluno A10, do primeiro dia de pesquisa de campo, que soube captar a essência do programa e associá-lo a alguém próximo que tem deficiência: “Eu entendi que a gente não pode julgar quem tem deficiência porque eles não têm nenhum problema de ter uma vida normal e na nossa sala tem uma menina que chama Maitê e ela tem síndrome”. Outro exemplo é com o aluno A11, do segundo dia de estudo, e que conseguiu pensar além do que estava implícito: “Não são só os deficientes, mas também os negros, os brancos, qualquer cor, têm que ter os mesmos direitos, não importa se é rico, pobre ou nada, tem que ir a escola e não precisa ter preconceito contra isso”.

À vista disso, são inegáveis as potencialidades dos programas criados nesse trabalho. Produzir conteúdos exclusivamente para as crianças é testemunhar que elas têm o poder de mudar a sociedade e também o futuro.

Sendo assim, avalia-se, ao final desse trabalho, que é possível educar e informar o público infantil por meio de um formato diferente, dinâmico e de fácil acesso. É possível falar sobre direitos humanos com as crianças e fazê-las compreender e refletir sobre o quão importantes são esses assuntos para elas enquanto indivíduos e membros de uma comunidade.

Isto posto, acredita-se que esta pesquisa tem potencial para ser aprofundada e colocada realmente em prática. Entende-se ser importante levar esses conteúdos até as escolas, aos professores e aos pais, a fim de que este trabalho possa servir de inspiração para outros comunicadores, quer seja para dar continuidade a essa pesquisa ou para desenvolver novas maneiras de se trabalhar com crianças.

Por fim, no papel de comunicadora, esta pesquisadora avalia que este trabalho permitiu unir dois grandes desejos como jornalista, que é levar conhecimento e fomentar a educação, de forma a inspirar mudanças positivas na vida de cada um.

Neste último parágrafo, peço licença para colocar-me em primeira pessoa: Deposito aqui a minha crença de que a criança, com o seu poder reflexivo e compreensivo, tem a capacidade de fomentar uma mudança interior para, depois, buscar por mudanças no coletivo. Ao reconhecer, por meio da alteridade, as diferenças e diversidades do próximo, respeita-as e coloca em evidência o seu lado altruísta, prezando por modificar, para melhor, a sociedade.



## REFERÊNCIAS

- ACNUR, Agência da ONU para refugiados. **Dados sobre refúgio no Brasil**. Brasília, DF, c2001-2016. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/>>. Acesso em: 14 ago. 2017.
- ALMEIDA, Ana Cláudia; Leite, Lúcia. **Manual informativo sobre práticas educacionais inclusivas**. Bauru: Unesp, 2006.
- BARBOSA FILHO, André; CASTRO, Cosette. A inclusão digital como forma de inclusão social. In: BARBOSA FILHO, André; CASTRO, Cosette; TOME, Takashi (Org). **Mídias digitais: convergência tecnológica e inclusão social**. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 225-255.
- BOCK, Ana Mercedes Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi Teixeira. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13.ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 5 de outubro de 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 16 nov.2017.
- \_\_\_\_\_. **Decreto nº 7.611**, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília, DF, 2011. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm)> Acesso em: 26 out. 2017. Publicado no Diário Oficial da União em: 18 nov. 2011.
- \_\_\_\_\_. **Decreto nº 99.710**, de 21 de novembro de 1990. Promulga a Convenção sobre os Direitos da Criança. Brasília, DF, 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1990-1994/d99710.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d99710.htm)>. Acesso em: 16 nov.2017. Publicado no Diário Oficial da União em: 22 nov. 1990.
- \_\_\_\_\_. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, DF, 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm)>. Acesso em: 27 out. 2017. Publicado no Diário Oficial da União em: 16 jul. 1990.
- \_\_\_\_\_. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)> Acesso em 26 out. 2017. Publicado no Diário Oficial da União em: 23 dez. 1996.
- \_\_\_\_\_. **Portal MEC**, c2016. Apresenta informações sobre a educação no país. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-educacao-continuada-alfabetizacao-diversidade-e-inclusao/apresentacao>>. Acesso em: 01 maio 2017.
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Comunicação Social. Assessoria de Pesquisa de Opinião Pública. **Pesquisa Brasileira de Mídia – 2016**: relatório final. Brasília-DF, 2016.

Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

CABELO A. R. G. **Expressão Verbal na Linguagem Radiofônica** in BIANCO, N. R. Del; MOREIRA, S. V. O Rádio No Brasil: Tendências e perspectivas. Rio de Janeiro: UERJ / UnB, 1999.

CAMARGO, Orson. Bullying. **Brasil Escola**. Disponível em <<http://brasile scola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

CANFIL, Daniele Cristina; ROCHA, Diana. **Podcasts**: A Contribuição das Novas Mídias para o Processo de Ensino e Aprendizagem em Sala de Aula. Intercom-sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação X Congresso de Ciência da Comunicação na Região Sul, 28 a 30 de maio de 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-0112-1.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2016.

CATEGORIES: children's. **BBC.co.uk**, c2017. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/radio/categories/childrens>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

CETIC - CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO. **Tic kids online Brasil 2015**. São Paulo, 2016. Disponível em: <[http://cetic.br/media/analises/tic\\_kids\\_2015\\_coletiva\\_de\\_imprensa.pdf](http://cetic.br/media/analises/tic_kids_2015_coletiva_de_imprensa.pdf)>. Acesso em: 22 out. 2016.

COSTA, Maria Eugênia Belczak. Grupo Focal. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

DIREITO à alimentação. **Turminha.mpf.br**. Disponível em: <<http://www.turminha.mpf.mp.br/direitos-das-criancas/trabalho-infantil>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

DIREITOS da criança: trabalho x lazer. **Turminha.mpf.br**. Disponível em: <<http://www.turminha.mpf.mp.br/direitos-das-criancas/trabalho-infantil>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

ESCH, Carlos Eduardo. **O futuro dos comunicadores e a reinvenção do rádio**. São Paulo: Intercom; rio de Janeiro: UERJ, 2001.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. 2. ed. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

\_\_\_\_\_. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

FOME. **Nacoesunidas.org**, c2017. Disponível em:  
<[https://nacoesunidas.org/?post\\_type=post&s=fome](https://nacoesunidas.org/?post_type=post&s=fome)>. Acesso em: 14 ago.2017.

GERAÇÕES interativas. **Fundacaotelefonica.org.br**, 2013. Disponível em:  
<<http://fundacaotelefonica.org.br/acervo/geracoes-interativas/>>. Acesso em: 26 set.2017.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio: Síntese de indicadores 2015**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em:  
<<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Suplementar de Segurança Alimentar PNAD 2013**. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em:  
<<https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000020112412112014243818986695.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

INCLUSÃO. **Novaescola.org.br**, c2017. Disponível em:  
<<https://novaescola.org.br/guias/2/inclusao>>. Acesso em: 01 mai. 2017.

Jovem Nerd. **Jovennerd.com.br**, c2002-2016. Disponível em:  
<<https://jovemnerd.com.br/nerdcast/>>. Acesso em: 17 mar.2017.

KISCHINHEVSKI, Marcelo. Cultura da portabilidade – Novos usos do rádio e sociabilidades em mídia sonora. **Observatorio (OBS\*) Journal**, Portugal, v. 3, n. 1, p. 223-238, 2009. Disponível em:  
<<http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/271>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

Mais de 7 milhões de pessoas ainda passam fome no Brasil, mostra IBGE. **Istoe.com.br**, c2017. Disponível em:  
<[http://istoe.com.br/397357\\_MAIS+DE+7+MILHOES+DE+PESSOAS+AINDA+PASSAM+FOME+NO+BRASIL+MOSTRA+IBGE/](http://istoe.com.br/397357_MAIS+DE+7+MILHOES+DE+PESSOAS+AINDA+PASSAM+FOME+NO+BRASIL+MOSTRA+IBGE/)>. Acesso em: 13 ago. 2017.

MANSUR, Alexandre; LIMA, Francine. A relação entre as crianças e o aparelho celular. **Revistacrescer.globo.com**, c2015. Disponível em:  
<<http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI63200-15565,00-A+RELACAO+ENTRE+AS+CRIANCAS+E+O+APARELHO+CELULAR.html>>. Acesso em: 26 set. 2017.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Para entender a comunicação: contatos antecipados com a nova teoria**. São Paulo: Paulus, 2008.

MARCONDES, Valéria. Sociedade da informação. In: Marques, José de Melo (Ed.). **Enciclopédia INTERCOM de comunicação**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010. p.1122-1123. Disponível em:  
<<http://www.cienciasnubens.com.br/site/wp-content/uploads/2013/07/Enciclopedia-Intercom-de-Comunica%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais: da comunicação à educomunicação. In: CITELLI, Adilson Odair, COSTA, Maria C. Castilho (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 121-134.

MARTINS, Marta Terezinha Motta Campos. Comunicação dirigida. In: Marques, José de Melo (Ed.). **Enciclopédia INTERCOM de comunicação**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010. p.257-258. Disponível em: <<http://www.ciencianasnuvens.com.br/site/wp-content/uploads/2013/07/Enciclopedia-Intercom-de-Comunica%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 15 mar.2017.

MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio: um Guia Abrangente de Produção Radiofônica**. São Paulo: Summus, 2001.

MCQUAIL, Denis. **Teoria da comunicação de massas**. Tradução Carlos de Jesus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. Florianópolis: Insular, Ed. Da UFSC, 2001.

MONTEIRO, Elis. Nativos digitais já estão dominando o mundo e transformando a forma como o ser humano se comunica. **Extra.globo.com**, c2016-2017. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/saude-e-ciencia/nativos-digitais-ja-estao-dominando-mundo-transformando-forma-como-ser-humano-se-comunica-284984.html>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

NEUBERGER, Rachel Severo Alves. **O rádio na era da convergência das mídias**. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2012.

NÚMERO de vítimas da fome cai para menos de 800 milhões: a erradicação é o próximo objetivo. **Fao.org**, c2017. Disponível em: <<http://www.fao.org/news/story/pt/item/288582/icode/>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

OIT alerta: 168 milhões de crianças realizam trabalho infantil no mundo. **Inpacto.org.br**, 2015. Disponível em: <<http://www.inpacto.org.br/en/2015/06/oit-alerta-168-milhoes-de-criancas-realizam-trabalho-infantil-no-mundo/>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

O QUE são os direitos humanos?. **Nacoesunidas.org**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/>>. Acesso em: 18 nov. 2017

PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento da criança**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

\_\_\_\_\_. **Seis estudos de psicologia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária LTDA, 1968.

PODCASTS. **Bbc.co.uk**, c 2017. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/podcasts>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

PRENSKY, Marc. **Nativos Digitais, imigrantes digitais**. 2001. Tradução: Roberta de Moraes Jesus de Souza. Disponível em: <<http://poetadasmoreninhas.pbworks.com/w/file/attach/60222961/Prensky%20-%20Imigrantes%20e%20nativos%20digitais.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2016.

REFUGIADOS e conare. **Itamaraty.gov.br**. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/paz-e-seguranca-internacionais/153-refugiados-e-o-conare>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

RELATÓRIO Final Pesquisa Brasileira de Mídia - PBM 2016. **Secom**. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

SANTOS, Izequias Estevan dos. **Textos selecionados de métodos e técnicas de pesquisa científica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2002.

SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying: mentes perigosas na escola**. 2.ed. São Paulo: Globo, 2015.

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano da. **Rádio: oralidade mediatizada**. São Paulo : Annablume, 1999.

TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital**. Tradução Marcello Lino. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

\_\_\_\_\_. **Geração digital: a crescente e irreversível ascensão da geração net**. Tradução Ruth Gabriela Bahr. São Paulo: MAKRON Books, 1999.

THE PODCAST Consumer-2016. **Edson Research**, 2016. Disponível em: <<http://www.edisonresearch.com/wp-content/uploads/2016/05/The-Podcast-Consumer-2016.pdf>>. Acesso: 12 abr. 2017.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Volume1. Florianópolis: Insular, 2005.

TOKARNIA, Mariana. Um em cada dez estudantes no Brasil é vítima frequente de bullying. **Agenciabrasil.ebc.com.br**, 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-04/um-em-cada-dez-estudantes-no-brasil-e-vitima-frequente-de-bullying>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

TRABALHO infantil no Brasil. **Ilo.org**. Disponível em: <<http://www.ilo.org/brasil/temas/trabalho-infantil/lang--pt/index.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

UOL: o melhor conteúdo. **UOL**, c1996. Apresenta notícias do Brasil e do mundo. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Biblioteca Virtual de Direitos Humanos**, [2017?]. Apresenta informações sobre a Comissão de Direitos Humanos da USP. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/>>. Acesso em: 13 ago. 2017

VIDA de refugiado. **TAB Uol**. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/refugiados/>> Acesso em: 14 ago. 2017.

VINTE e uma perguntas e respostas sobre o bullying. **Novaescola.org.br**, c2017. Disponível em: < <https://novaescola.org.br/conteudo/336/bullying-escola>>. Acesso em: 14 de ago. 2017.

VYGOTSKY, Lev.S . Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: LURIA, Alexandr Romanovich; LEONTIEV, Alexis e outros. **Psicologia e pedagogia**: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Editora Moraes Ltda, 1991. p.1-17.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar**: a notícia de rádio no Brasil. Florianópolis: Insular, 2012.

**APÊNDICE A-QUESTIONÁRIO**

- 1- O que vocês acharam do programa escutado?
- 2- Que parte mais gostaram e por quê?
- 3- Já ouviram sobre o tema abordado no programa, onde e como?
- 4- Conseguiram prestar atenção?
- 5- Em que momentos não prestaram a atenção e por quê?
- 6-O que vocês entenderam?
- 7-Acharam divertido/dinâmico o jeito como o assunto foi falado?
- 8-Gostariam de escutar esses programas em sala de aula? E em casa ou celular?
- 9- O que gostariam de escutar?
- 10- O que mudariam?
- 11- O conteúdo pode ajudar no aprendizado?
- 12- É melhor aprender escutando esse tipo de conteúdo na internet?
- 13- Já escutaram *podcast*?
- 14- E, posteriormente, se essas crianças já tinham ouvido *podcast*, que mídias consomem.
- 15- E o seus pais, o que eles utilizam de ferramentas tecnológicas?.

## APÊNDICE B – ROTEIROS

### PROGRAMA-ACESSIBILIDADE

Programa: <i>Podcast 1- acessibilidade</i>	<b>1</b>
Repórter: Inaiá Mello	
Duração: 6:14	

(ENTRA VINHETA)

Olá, tudo bem? Começa agora o Podcriança, o *podcast* feito para você, criança. Eu sou a Inaiá Mello e no episódio de hoje vamos falar sobre... rufem os tambores (*EF tambores*)... acessibilidade. (*EF aprovação*)

Mas o que é acessibilidade? Bom, a acessibilidade é o termo utilizado pra gente se referir à inclusão de pessoas com deficiência na sociedade. E isso começa na escola!

Afinal, esse é um ambiente muito importante na vida de cada pessoa. É lá que se obtém grande parte do conhecimento, se constrói amizades, aprende a conviver com o próximo e também com as suas diferenças.

E é necessário que esse ambiente seja livre de preconceitos, de prejulgamentos, que saiba reconhecer e valorizar as diferenças e diversidades de cada um.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que regulamenta o nosso ensino, coloca a inclusão escolar de alunos com deficiência nas escolas regulares como um direito garantido.

Então, com base nessa lei, podemos dizer que a escola inclusiva é um ambiente para todos. (*EF palmas*) É o que a Katia Fonseca, pedagoga e Coordenadora da Educação Especial da Secretaria Municipal da Educação de Bauru, conta pra nós.



Programa: <i>Podcast 1- acessibilidade</i>	<b>2</b>
Repórter: Inaiá Mello	
Duração: 6:14	

Sonora 1- Katia- 15”

DI: “A educação inclusiva é uma escola...”

DF: “...e também se ele tem deficiência.”

A Katia também nos conta que a inclusão nas escolas é uma forma de aprendermos a conviver e nos relacionarmos com o próximo.

Sonora 2- Katia- 30”

DI: “É importante essa escola...”

DF: “...conviver junto e se respeitar.”

Ó pessoal, essa inclusão precisa ser trabalhada em conjunto. Por isso, a escola, os alunos, os professores, o ambiente devem estar preparados para poder receber os alunos com deficiência da melhor forma possível.

E é aí que a acessibilidade entra. Para o Ministério da Educação, MEC, acessibilidade significa incluir a pessoa com deficiência na participação de atividades com o uso de produtos, serviços e informações.

Por isso é importante que se tenha rampas de acesso para cadeirantes tanto nas ruas quanto nas escolas, desta forma fica muito mais fácil para se locomover e chegar até aonde ele precisa. Imagine só, (*EF de imaginação*) quando não se tem essas rampas, o cadeirante precisa fazer um grande esforço pra subir ou descer da calçada sem que a cadeira de rodas tombe e ele se machuque. (*EF cartoon*).

Programa: <i>Podcast 1- acessibilidade</i>	<b>3</b>
Repórter: Inaiá Mello	
Duração: 6:14	

Outra forma de inclusão são com os objetos que ajudem na integração do deficiente, como, por exemplo, a bola com guizo, que emite esse som (*EF barulho da bola*). Interessante, né? O guizo dentro da bola permite que o deficiente visual, aquele que não enxerga, participe de jogos, assim ele consegue escutar a bola e em que direção ela está.

A máquina braile é outro objeto que facilita o dia a dia dos deficientes visuais. Ela é um tipo de teclado que escreve em braile, um alfabeto de pontos que correspondem às letras, e que faz este barulho da máquina aqui ó (*EF barulho máquina*). É por meio dela que eles conseguem escrever.

Para aqueles que não possuem a audição algumas escolas oferecem um interprete de libras, que é alguém que acompanha o professor em sala de aula e transmite tudo o que ele fala por meio da linguagem de sinais. Assim, o aluno consegue acompanhar a matéria em sala de aula. É, mas para para para para (*EF freada*). Por que estou falando desses objetos e de rampas de acesso?

Bem, se a escola é a porta de entrada para se construir um futuro, todos devem ter a oportunidade de estudar independentemente das características de cada um.

Como é o caso da Nicole Santos, de oito anos. Ela perdeu a visão quando tinha três anos de idade. A Nicole vai para a escola normalmente, estuda em uma sala comum e não sente muitas dificuldades. Consegue se virar sozinha, mas também conta com a ajuda dos colegas para auxiliá-la. Vamos ouvir?

Programa: <i>Podcast 1- acessibilidade</i>	<b>4</b>
Repórter: Inaiá Mello	
Duração: 6:14	

Sonora 4 – Nicole – 23”

DI: “Eu gosto da escola...”

DF: “...das minhas amigas, da minha professora.”

E mesmo com suas limitações, Nicole tem uma vida comum, com sonhos e desejos. Desde pequena já sabe o que quer ser quando crescer.

Sonora 5 – Nicole – 7”

DI: “Quando eu crescer...”

DF: “...eu acho legal ser professora.”

Faz parte da educação aprender a lidar com as diferenças do outro, seja na escola ou fora dela.

João Henrique Custódio tem treze anos. Não possui nenhum tipo de deficiência e acredita que aqueles que possuem são pessoas como ele. E que precisam ser tratadas com respeito.

Sonora 6 - João Henrique- 10”

DI: “ eu acho que as pessoas...”

DF: “...elas precisarem de ajuda.”

Programa: <i>Podcast 1- acessibilidade</i>	<b>5</b>
Repórter: Inaiá Mello	
Duração: 6:14	

Legal, não é mesmo? Nós podemos ajudar o outro nas pequenas coisas. Seja auxiliando um cadeirante a subir uma calçada, um deficiente visual a atravessar a rua ou qualquer que seja a dificuldade que uma pessoa tenha.

É possível mudar o dia do próximo sendo solidário. Porque gentileza gera gentileza. E boas ações transformam o mundo em um lugar muito melhor.

Então, que tal começar a praticar as boas ações a partir de agora? Eu sou a Inaiá Mello e te espero no próximo programa. Tchau!

(ENTRA VINHETA)

(FICHA TÉCNICA)

**PROGRAMA-FOME**

Programa: <i>Podcast 2- Fome</i>	<b>1</b>
Repórter: Inaiá Mello	
Duração: 8:28	

(ENTRA VINHETA)

Olá, tudo bem? Começa agora o Podcriança, o *podcast* feito para você, criança. Eu sou a Inaiá Mello e no episódio de hoje vamos falar sobre....rufem os tambores (*EF tambores*)... a fome (*EF mordida*).

Bom, você deve estar se perguntando, mas... fome? É, é isso mesmo. Mas não é isso tipo de fome que você está pensando, por exemplo, quando o almoço demora muito para sair ou quando o intervalo da aula parece nunca chegar. Eu sei, nessas situações a sua barriga fica roncando (*EF barulho de barriga roncando*).

(mudança de trilha sonora)

Mas quando falo de fome, quero dizer é que existem muitas pessoas no mundo que não têm o que comer e passam realmente fome. Mais precisamente, 795 milhões de pessoas, de acordo com o relatório anual sobre a fome “Estado da Insegurança Alimentar no Mundo 2015”. E é muito triste pensarmos que esse número corresponde a quase cinco vezes a população do Brasil. Ou seja, são muuitas pessoas.

O professor universitário de geografia Sebastião da Silva vai explicar um pouquinho

sobre o que é a fome e a situação que o mundo se encontra.

Programa: <i>Podcast 2- Fome</i>	<b>2</b>
Repórter: Inaiá Mello	
Duração: 8:28	

Sonora 1- Sebastião- 36”

DI: “O problema da fome, primeiro...”

DF: “...aí passa a ser fome.”

(volta trilha sonora)

Pensando em ajudar a acabar com a fome no mundo, em 1945 foi criada a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação, a FAO e em 1948 a Declaração Universal dos Direitos Humanos reconheceu que todo ser humano, independentemente de cor, raça, religião, tem direito à alimentação. (*EF aprovação*).

Mas, mesmo com tudo isso, esse direito ainda não é uma realidade para muitas pessoas. Aqui no Brasil, por exemplo, há mais de 7 milhões de pessoas em situação de fome, segundo os últimos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, de 2013. Imagine, 7 milhões de pessoas equivale a quase 13 estádios do maracanã lotados.

O professor Sebastião explica porque essa realidade ainda está presente na nossa sociedade.

Sonora 2- Sebastião- 40”

DI: “A fome no mundo é...”

DF: “...é uma questão de conscientização.”

Programa: <i>Podcast 2- Fome</i>	<b>3</b>
Repórter: Inaiá Mello	
Duração: 8:28	

E é muito comum nós vermos moradores de rua passando fome. Você já deve ter visto algum morador pedindo para seus pais ou familiares alguma coisa para comer, não é mesmo?

E essa é uma realidade de muitas pessoas, como é o caso desse morador de rua que preferiu não falar o nome, mas contou como que é viver nas ruas e ter a fome presente praticamente todos os dias.

Sonora 3- Morador de rua- 8”

DI: “Oi, é que eu vivo na rua...”

DF: “...a rua é horrível.”

Com o intuito de minimizar a situação dessas pessoas, como essa do morador de rua que acabamos de ouvir, existem muitos trabalhos voluntários. Eles nada mais são do que pessoas se reunindo para fazer o bem ao próximo. Na cidade de Bauru, existe o Esquadrão da Noite, um grupo de estudantes que levam marmitas para os moradores de rua.

A Vitória Palmejani é jornalista, tem 21 anos e participa do grupo há 3 anos. E ela vai contar para gente como é que funciona esse trabalho.

Programa: <i>Podcast 2-Fome</i>	<b>4</b>
Repórter: Inaiá Mello	
Duração: 8:28	

Sonora 4- Vitória- 1'00"

DI: "Eu faço parte do..."

DF: "conversando com eles..."

E olha só gente, a sobrinha da Vitória, Lívia Augusto de Souza, tem 5 anos e também já participou do Esquadrão. Legal, não é mesmo? Ela vai contar um pouquinho da sua experiência para gente.

Sonora 5- Lívia- 32"

DI: "Eu quis ir no Esquadrão..."

DF: "...eles ficam feliz e eu também fico."

Para acabar com a fome temos uma longa estrada pela frente, mas, podemos superar esse problema com boas ações. Seja oferecendo um prato de comida a um morador de rua, participando de um trabalho voluntário, incentivando o governo a fazer uma redistribuição dos alimentos ou então, criar condições econômicas para que se tenha emprego para todos, como uma das formas de acabar com a miséria.

Assim como muitos problemas do mundo, esse só pode ser resolvido com o envolvimento de todos. Pois a sociedade só se tornará melhor quando nos unirmos e trabalharmos juntos.



Programa: <i>Podcast 2-Fome</i>	<b>5</b>
Repórter: Inaiá Mello	
Duração: 8:28	

E agora, que tal refletir um pouco com um pedaço da música Fome Come, do grupo Palavra Cantada?

Eu sou a Inaiá Mello e te espero no próximo programa. Tchau!

(ENTRA MÚSICA)

(ENTRA VINHETA)

(FICHA TÉCNICA)

**PROGRAMA-TRABALHO INFANTIL**

Programa: <i>Podcast 3- Trabalho infantil</i>	<b>1</b>
Repórter: Inaiá Mello	
Duração: 8:04	

(ENTRA VINHETA)

Olá, tudo bem? Começa agora o Podcriança, o *podcast* feito para você, criança. Eu sou a Inaiá Mello e no episódio de hoje vamos falar sobre... rufem os tambores...(EF tambores) o trabalho infantil.

Você já parou para pensar que muitas crianças como você estão trabalhando nesse exato momento? É, infelizmente é isso mesmo que você ouviu.

(mudança de trilha sonora)

Ao invés delas estarem estudando ou brincando, elas estão trabalhando.

E essa é uma realidade presente no mundo todo. 168 milhões de crianças realizam trabalho infantil. Para você ter noção, 168 milhões correspondem a um pouco mais de 3 vezes a população da Argentina inteira, ou seja, muitas crianças. Desse total, 120 milhões têm idade entre 5 e 14 anos e cerca de 5 milhões encontra-se em condições parecidas à escravidão.

(volta trilha sonora)

Todos esses dados que eu citei são da Organização Internacional do Trabalho, a OIT. É muito triste pensarmos que isso acontece, não é mesmo? (EF afirmação).

E para entender um pouco mais sobre o que é o trabalho infantil, o procurador do trabalho José Fernando Maturana fala do assunto pra gente. Vamos ouvir!

Programa: <i>Podcast 3- Trabalho infantil</i>	<b>2</b>
Repórter: Inaiá Mello	
Duração: 8:04	

Sonora 1- Maturana- 1'09"

DI: "O trabalho infantil é..."

DF: "...é o trabalho infantil."

Essa situação preocupa as autoridades e a sociedade. Exemplo disso é que em 2015 havia quase 80 mil crianças entre 5 e 9 anos trabalhando no país, de acordo com os últimos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE. O número é preocupante, principalmente quando se tem leis que deveriam assegurar a proteção dessas crianças em nosso país.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA, crianças e adolescentes têm direito à vida, à liberdade, à saúde, à educação, ao respeito e à dignidade, tornando-se dever da família, da comunidade, da sociedade e também do poder público proporcionar esses direitos com absoluta prioridade.

Não é dever da criança trabalhar. Quando isso ocorre, há uma violação dos direitos humanos. O procurador do trabalho José Fernando conta pra gente alguns tipos de trabalho infantil e que provavelmente você já deve ter visto!

Sonora 2- Maturana- 55"

DI: "Tem criança que é..."

DF: "...não é trabalho infantil."

Programa: <i>Podcast 3- Trabalho infantil</i>	<b>3</b>
Repórter: Inaiá Mello	
Duração: 8:04	

Ouviu?! Agora você já sabe que não pode brincar dizendo que está fazendo um trabalho infantil quando os seus pais pedirem para você arrumar o quarto ou ajudar na limpeza da casa. (*EF cartoon*).

Já aquelas crianças que realmente trabalham estão perdendo a oportunidade de desenvolver o seu futuro. Muitas delas deixam de brincar, de estudar, de viajar. Elas perdem toda a sua infância por conta do trabalho.

E olha só gente, a Ana Efraim tem 7 anos e é uma criança saudável, estuda e tem tempo de sobra para brincar, ao contrário de muitas crianças que não têm essa possibilidade. E ela vai falar um pouquinho o que pensa sobre o trabalho infantil.

Sonora 3- Ana- 25”

DI: “Eu gosto quando...”

DF: “...fora de casa.”

Para ajudar a impedir que mais crianças trabalhem, uma forma é incentivar o estudo, tanto para as crianças quanto para os pais. Quando se tem um estudo, uma educação, as chances de conseguir um emprego, dentro das normas, e consequentemente um salário, são muito maiores. Criança tem de estudar e não trabalhar!

Outra maneira é denunciar. Se você notar que alguma criança esteja trabalhando com a ajuda de um adulto, você pode procurar por órgãos na sua cidade que recebem esse tipo de denúncia, como por exemplo, o conselho tutelar.

Programa: <i>Podcast 3- Trabalho infantil</i>	<b>4</b>
Repórter: Inaiá Mello	
Duração: 8:04	

Assim como muitos problemas do mundo, o trabalho infantil não é fácil de ser combatido. Mas, quando a gente entende a situação, procura se informar e está disposto a ajudar ao próximo, é um bom começo para transformarmos o futuro em um lugar melhor.

Agora, que tal refletir um pouco mais sobre o assunto com um pedaço da música Criança não trabalha, do grupo Palavra Cantada?

Eu sou a Inaiá Mello e te espero no próximo programa. Tchau!

(MÚSICA TRABALHO)

(ENTRA VINHETA)

(FICHA TÉCNICA)

**PROGRAMA-REFUGIADOS**

Programa: <i>Podcast 4- Refugiados</i>	<b>1</b>
Repórter: Inaiá Mello	
Duração: 7:01	

(ENTRA VINHETA)

Olá, tudo bem? Começa agora o podcriança, o *podcast* feito para você, criança. Eu sou a Inaiá Mello e no episódio de hoje vamos falar sobre....rufem os tambores...(EF tambores) os refugiados.

Mas antes de começar, quero fazer uma pergunta.

(mudança de trilha sonora)

O seu país é um lugar seguro para você?

Bem, para algumas pessoas, infelizmente, há lugares que não são seguros. São países com zonas de conflito, que colocam em risco a vida de muitas famílias. Elas se veem desamparadas e muitas vezes têm apenas como opção o refúgio em outros países.

Essa pessoa pode pedir refúgio caso se encontre em situação de temor por perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, entre outros motivos. No Brasil, quem cuida desse assunto é o Comitê Nacional para os Refugiados, o Conare.

(volta trilha sonora)

Dá pra perceber que esse assunto é bem complexo, né?! (EF afirmação) Quem ajuda a gente a entender melhor como é um refugiado e a sua situação é a professora universitária e pesquisadora de relações internacionais Beatriz Sabia.

Programa: <i>Podcast 4- Refugiados</i>	<b>2</b>
Repórter: Inaiá Mello	
Duração: 7:01	

Sonora 1- Beatriz- 43”

DI: “O refugiado ele existe...”

DF: “...entender esse processo.”

Atualmente o mundo tem 20 milhões de pessoas refugiadas. Quer ter uma noção do que são 20 milhões de pessoas? (*EF afirmação*) É um pouco mais de três vezes a população do Rio de Janeiro. Aqui no Brasil, foram reconhecidos até 2016, 9.552 refugiados de 82 nacionalidades. Os dados são do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, o ACNUR. E esses números são alarmantes quando se lembra que o direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal estão previstos na Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Ou seja, viver em um país em que a sua segurança, a sua liberdade e onde a sua vida é colocada em risco é infringir a lei.

Mas o Brasil não só recebe refugiados como também estrangeiros, que enxergam no país uma oportunidade de vida, seja para recomeçar e construir um futuro ou para estudar, como é o caso do Fernando Kambundo.

Ele é Angolano e veio para o Brasil há 6 anos. Junto com ele vieram a sua filha e sua mulher, que na época estava grávida da sua segunda filha.

Vir para o Brasil possibilitou a Fernando uma melhoria em sua vida e também pode realizar o desejo de estudar e adquirir conhecimento. Vamos ouvir um pouquinho da história dele?

Programa: <i>Podcast 4- Refugiados</i>	<b>3</b>
Repórter: Inaiá Mello	
Duração: 7:01	

Sonora 2- Fernando- 58”

DI: “Eu vim com o intuito...”

DF: “...econômico e social do país.”

E olha só, a Isabel Reis José é filha do Fernando, tem nove anos e veio para o Brasil quando era beeeem pequenininha. Ela conta que tem vontade de voltar para Angola para conhecer a família, mas que também gosta do Brasil, dos amigos. Vamos ouvir?

Sonora 3- Isabel- 21”

DI: “Eu sou de Angola...”

DF: “...conhecer os lugares.”

E para receber esses refugiados e também os estrangeiros, é importante que não só o país esteja de portas abertas, mas nós, como cidadãos, estejamos abertos a acolhe-los e respeitá-los.

Afinal, eles saíram do seu país para viver em outro completamente diferente. Com pessoas e culturas diferentes. E muitas vezes eles sofrem preconceito, como o Fernando, que já viu e presenciou situações preconceituosas.



Programa: <i>Podcast 4- Refugiados</i>	<b>4</b>
Repórter: Inaiá Mello	
Duração: 7:01	

Sonora 4- Fernando- 36”

DI: “Quanto ao preconceito...”

DF: “...também tem capacidade.”

Talvez, no futuro, o nosso país, assim como muitos outros, receba cada vez mais esses refugiados e também pessoas de outros países que enxergam o Brasil como uma oportunidade. E cabe a nós saber respeitar e conviver em uma sociedade com culturas e pessoas diferentes.

Afinal, que graça teria se todos fossemos iguais?

Se você quiser refletir um pouco mais sobre o assunto, que tal assistir alguns vídeos feitos pela Unicef e que estão disponíveis no Youtube? Procure por: Malak e o barco, uma viagem da Síria e também a história de Ivine e o travesseiro. São vídeos que vão fazer você pensar e entender um pouco mais o que muitas crianças passam.

Eu sou a Inaiá Mello e te espero no próximo programa. Tchau!

(ENTRA VINHETA)

(FICHA TÉCNICA)

**PROGRAMA-BULLYING**

Programa: <i>Podcast 5- Bullying</i>	<b>1</b>
Repórter: Inaiá Mello	
Duração: 5:21	

(ENTRA VINHETA)

Olá, tudo bem? Começa agora o podcriança, o *podcast* feito para você, criança. Eu sou a Inaiá Mello e no episódio de hoje vamos falar sobre... rufem os tambores (*EF tambores*)... o bullying.

Você já deve ter ouvido muitas vezes sobre o bullying, não é mesmo? (*EF confirmação*) Então, porque é que eu estou falando disso novamente? (*EF cartoon*)

O bullying nada mais é que atitudes ou ações ofensivas, sejam elas verbais, por meio de piadinhas e xingamentos, ou físicas, como, por exemplo, bater em alguém, empurrar.

O bullying pode ser realizado por uma ou por um grupo de pessoas, em vítimas que podem ter o seu emocional abalado. Elas ficam tristes, se afastam dos colegas e muitas vezes não conseguem se dedicar aos estudos.

E quem continua a falar sobre esse assunto é a psicóloga Cláudia Alegreti.

Sonora 1- Cláudia-44 ”

DI: “É quando um colega...”

DF: “...ninguém perceba.”

Programa: <i>Podcast 5- Bullying</i>	<b>2</b>
Repórter: Inaiá Mello	
Duração: 5:21	

Bom, já deu pra perceber que esse assunto é muito importante, principalmente quando a gente lembra que grande parte dessa prática acontece nas escolas. (*EF sinal intervalo*).

E você sabia que no Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA, há um item que diz que a criança e o adolescente têm o direito à liberdade, à dignidade e ao respeito? Pois é, toda criança e adolescente têm direito à liberdade de opinião e expressão, à liberdade em relação à religião e também à liberdade para participar da vida comunitária sem discriminação.

Ou seja, não é certo fazer brincadeiras e piadinhas quando um colega de sala tem um estilo diferente do seu ou possui alguma deficiência ou dificuldade ou, às vezes, é muito tímido. Pois, afinal, ele tem o direito à liberdade de se expressar da forma que bem entender e também à liberdade para conviver em um ambiente sem discriminação. (*EF salva de palmas*)

A Ana Clara Pereira, de 10 anos, já teve uma experiência com o bullying. Vamos ouvir?

Sonora 2- Ana Clara- 12”

DI: “Sabe, na minha escola...”

DF: “...cortar o seu cabelo.”

Programa: <i>Podcast 5- Bullying</i>	<b>3</b>
Repórter: Inaiá Mello	
Duração: 5:21	

Não é legal essa situação que a Ana Clara passou, né? Muitas vezes o bullying é praticado sem ter a consciência. Na sala de aula, por exemplo, é comum encontrar algum aluno que é alvo de piadinhas e brincadeiras. Você pode não participar, mas às vezes acha engraçada a situação e acaba rindo. E é aí que está o problema!

O bullying pode ser evitado, mas é preciso a participação de todos. Em primeiro lugar, devemos respeitar o próximo. Respeito é fundamental para convivermos em uma sociedade mais harmoniosa.

Em segundo, devemos pensar antes de agir. Antes de fazer qualquer coisa com o colega, pense: se fosse comigo, eu gostaria disso?

E, por último, se você notar qualquer coisa errada, comente com os professores, com os pais ou até amigos. Para evitar que práticas como o bullying aconteçam é necessário falar.

A professora do fundamental Francislene Marques tem alguns conselhos para passar para gente.

Sonora 3- Francislene- 30”

DI: “Quando acontece algum...”

DF: “...ter um bom convívio.

Ouviu só?! É possível impedir que o bullying aconteça. Mas, como já comentei, é preciso a participação de todos e, principalmente, o respeito ao próximo.

Programa: <i>Podcast 5- Bullying</i>	<b>4</b>
Repórter: Inaiá Mello	
Duração: 5:21	

Se você quiser refletir um pouco mais sobre o assunto, que tal ler o livro Ernesto, do autor Blandina Franco. O livro tem poucas páginas e vai fazer você pensar sobre o tema!

Eu sou a Inaiá Mello e te espero no próximo programa. Tchau!

(ENTRA VINHETA)

(FICHA TÉCNICA)

## APÊNDICE C- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AUTORIZAÇÃO



### AUTORIZAÇÃO

A Professora Mestra Daniela Pereira Bochembuza vem solicitar à Diretora Ir. Edna Andrade de Carvalho, autorização para realizar a pesquisa "Estudo de recepção dos programas de podcast pelo Público Infantil dos Sete aos Dez anos" a ser desenvolvida no Colégio São Francisco de Assis, localizado na Rua Santo Antônio, 6-56, Bela Vista, Bauru, cujo objetivo é analisar as potencialidades dos programas de podcast criado.

A pesquisa consiste na produção de programas em formato de podcast como ferramenta para a educação e conhecimento, voltado para o público infantil. O método utilizado para aplicação do material produzido será, inicialmente, um estudo de recepção através de um grupo focal: que é composto por alunos, na faixa etária de 7 a 10 anos, de forma a serem analisados coletivamente.

A seleção dos participantes será realizada de forma aleatória e pelo professor, de maneira que o grupo possa ser heterogêneo e assim trabalhar com diferentes opiniões e julgamentos sobre o produto apresentado.

Como esta pesquisa de campo envolve indivíduos menores de 18 anos, todo o trabalho será norteado pelos preceitos do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069, de 13 de julho de 1990), entendendo assim, com previsto no artigo 6º., "a condição peculiar da criança e do adolescente como pessoas em desenvolvimento", e, em seu artigo 17º., "a inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais".

Sendo assim, apenas participarão desta pesquisa os indivíduos que assinarem o Termo de Assentimento e cujos responsáveis em seu ambiente escolar assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Após a coleta dos dados obtidos pelo grupo focal, será feita uma análise e conclusões acerca do produto apresentado.

O projeto terá como pesquisadora a aluna Inaiá Brandão Mello, do quarto ano do curso de Jornalismo da Universidade Sagrado Coração.

Daniela Pereira Bochembuza  
Profª Mª Mestra Daniela Pereira Bochembuza  
Pesquisadora responsável

Inaiá Brandão Mello  
Inaiá Brandão Mello  
Aluna orientada

Edna Andrade de Carvalho  
De acordo: Ir. Edna Andrade de Carvalho  
Cargo: Diretora da Escola

Bauru, 17 de março de 2017.

## TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “*Podcast* e criança: a recepção do formato e a promoção da educação para os direitos humanos”. Seus pais e/ou responsáveis já concordaram com a sua participação na pesquisa. Queremos saber quais são as reações e opiniões de crianças de 7 a 10 anos nos programas de *podcast* apresentados. A pesquisa será feita na escola em que você estuda, onde alguns alunos vão conversar com a pesquisadora, que vai fazer algumas perguntas.

As pesquisas são consideradas seguras e não apresentam riscos. Caso aconteça algo errado, você pode nos contatar pelo telefone (14) 99793-6697, da pesquisadora responsável Inaiá Brandão Mello.

Como a pesquisa será realizada em horário de aula, você não vai precisar sair da escola, pois a pesquisadora vai até lá. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der, respeitando o Estatuto da Criança e do Adolescente, que protege todos os brasileiros com menos de 18 anos. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram da pesquisa. Quando terminarmos a pesquisa, os resultados serão analisados e aparecerão no relatório do Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade do Sagrado Coração (USC), em Bauru. Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou entrar em contato pelo telefone (14) 99793-6697.

Eu, \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa “*Podcast* e criança: a recepção do formato e a promoção da educação para os direitos humanos”, que tem como objetivos saber quais são as reações e opiniões das crianças ao escutarem os programas de *podcast* apresentado, para então descobrir quais são as potencialidades e as contribuições do produto.

Entendi a proposta e sei do meu compromisso e da minha contribuição para o jornalismo a partir desta pesquisa. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir. A pesquisadora tirou as

minhas dúvidas e conversou com o responsável por mim que autorizou a minha participação e também tem a autorização de minha escola. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Assinatura da pesquisadora responsável:

\_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Contato: USC - Rua Irmã Arminda 10-50. Telefone: 2107-7255



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezados pais e/ou responsáveis

Este contato é para convidar seu filho (a) \_\_\_\_\_ a participar da pesquisa “*Podcast* e criança: a recepção do formato e a promoção da educação para os direitos humanos”, realizado pela aluna de Jornalismo, Inaiá Brandão Mello, sob a orientação da professora Mestre Daniela Pereira Bochembuzo. O objetivo da pesquisa é saber quais são as reações e opiniões das crianças a partir de um programa de *podcast*, que é um arquivo em áudio que pode ser baixado e escutado em qualquer lugar, apresentado em sala de aula. Nesta pesquisa, apenas um programa será escolhido para ser reproduzido e traz como tema os direitos humanos, como por exemplo: acessibilidade, preconceito, igualdade.

A pesquisa contará com duas etapas a serem realizadas no mesmo dia e dentro do ambiente escolar, sem qualquer custo ou prejuízo escolar a seu filho (a). Na primeira etapa, o grupo vai escutar os programas de *podcast* com caráter educativo. Já na segunda, faremos um momento de bate papo para avaliar o programa e analisar as suas potencialidades.

A pesquisa será de caráter qualitativo, e garantimos total sigilo com relação às informações que forem abordadas nas reuniões dos grupos, além de nos comprometermos a respeitá-los. Todo esse estudo será gravado em áudio e vídeo, com respeito ao Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069, de 13 de julho de 1990). As imagens e os áudios não serão exibidos, pois tem somente finalidade acadêmica. Agradecemos a atenção e estamos à disposição caso haja qualquer dúvida a respeito da participação nesta pesquisa, que tem fins exclusivamente didáticos. Da mesma forma, sintam-se à vontade para recusar a participação de seu filho (a) neste estudo ou para desistir a qualquer momento e que a sua decisão não causará perda de benefícios.

Eu, \_\_\_\_\_, entendo que as informações obtidas por meio dessa pesquisa serão confidenciais. Também entendo que os registros da pesquisa estão disponíveis para revisão dos pesquisadores. As identidades serão preservadas e não serão publicadas; desta forma, consinto na publicação dos dados coletados para propósitos científicos.

Assinatura da pesquisadora responsável:

\_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Contato: USC - Rua Irmã Arminda 10-50. Telefone: 2107-7255

## ANEXO D- PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA

UNIVERSIDADE DO SAGRADO  
CORACÃO



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Podcast e criança: A recepção do formato e a promoção da educação para os direitos humanos

**Pesquisador:** Daniela Pereira Bochembuzo

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 66855917.3.0000.5502

**Instituição Proponente:** Universidade do Sagrado Coração - Bauru - SP

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.031.218

#### Apresentação do Projeto:

Projeto muito bem elaborado.

#### Objetivo da Pesquisa:

Buscar o desenvolvimento crítico das crianças, debates em sala de aula e a integração social por meio da produção de uma série de podcast sobre direitos humanos que una o jornalismo e a educação.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos mínimos de exposição.

Benefícios: contribuir para a melhor compreensão do formato podcast e sugerir abordagens e linguagens para seu uso junto ao público infantil, carente de conteúdo específico, principalmente no que tange à educação para os direitos humanos.

#### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Os programas serão produzidos no Laboratório de Rádio da USC, por meio do projeto de extensão Webrádio USC. O processo de produção será precedido pela execução de uma edição piloto, a ser exibida como parte de estudo de recepção. A recepção se dará pela audição do programa piloto da série dos podcasts produzidos buscando identificar as reações das crianças e incentivar o debate entre elas. A primeira edição, denominada de piloto, será utilizada para a realização de um estudo

**Endereço:** Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
**Bairro:** Rua Imã Arinda Nº 10-50      **CEP:** 17.011-160  
**UF:** SP      **Município:** BAURU  
**Telefone:** (14)2107-7051      **E-mail:** comiteeticadehumanos@usc.br

UNIVERSIDADE DO SAGRADO  
CORÇÃO



Continuação do Parecer: 2.031.218

de recepção aplicado a um grupo de 12 crianças de 7 a 10 anos (grupo focal), matriculadas em séries do Ciclo 1 do Ensino Fundamental de uma unidade escolar localizada na cidade de Bauru-SP.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Adequados. Entretanto, sugiro incluir no TCLE e no Termo de Assentimento que há riscos mínimos de exposição ou constrangimento.

**Recomendações:**

Não há.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não há.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_875471.pdf	08/04/2017 10:53:24		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_e_Termo_Assentimento_Menor_Podcast.pdf	08/04/2017 10:52:51	Daniela Pereira Bochembuzo	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Podcast_Infantil_Inaia_Mello.pdf	17/03/2017 18:44:28	Daniela Pereira Bochembuzo	Aceito
Outros	Autorizacao_locus_pesquisa_campo_Podcast_Infantil.pdf	17/03/2017 18:05:28	Daniela Pereira Bochembuzo	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_Pesquisa_Podcast_Infantil.pdf	17/03/2017 18:04:06	Daniela Pereira Bochembuzo	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
 Bairro: Rua Imã Armanda Nº 10-50 CEP: 17.011-160  
 UF: SP Município: BAURU  
 Telefone: (14)2107-7051 E-mail: comitedeeticadehumanos@usc.br

UNIVERSIDADE DO SAGRADO  
CORÇÃO



Continuação do Parecer: 2.031.218

BAURU, 25 de Abril de 2017

---

Assinado por:  
Marcos da Cunha Lopes Virmond  
(Coordenador)

Endereço: Pro-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Bairro: Rua Imã Arminia Nº 10-50 CEP: 17.011-160  
UF: SP Município: BAURU  
Telefone: (14)2107-7051 E-mail: [comitedeeticadehumanos@usc.br](mailto:comitedeeticadehumanos@usc.br)

**APÊNDICE E- PROGRAMAS DE PODCAST (MÍDIA)**

Link: <https://soundcloud.com/user-89761508/sets/podcrianca/s-pN3iV>